



R. 8169, 550



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

2616



CAMÕES.

IMPRIMERIE DE J. MAC CARTHY,
rue des Petites-Ecuries, n. 47.

CAMÕES,


POEMA.



Paris,

NA LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA,
Rue Mignon, nº 2, faub. St.-Germain.

—
1825.



Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

ADVERTENCIA.

A indole do assumpto dêste poema é absolutamente nova; e assim não tive eu exemplar, a que me arrimasse, nem norte, que seguisse

Por máres nunca d'antes navegados.

Conheço que elle está fóra das regras; e que, se pelos principios classicos o quizerem julgar, não encontrarão ali senão irregularidades, e defeitos. Porém declaro desde ja que não olhei a regras, nem a principios, que não consultei Horacio, nem Aristoteles; mas fui insensivelmente de pôs o coração, e os sentimentos da natureza, que não pelos calculos da arte, e operações combinadas do espirito. Tambem o não fiz por imitar o stylo de Byron, que tam ridiculamente aqui *macaqueião* hoje os Francezes a torto, e a direito, sem se lembrarem que para tomar as liberdades de Byron, e commetter impunemente seus atrevimentos, é mister haver um tal ingenho, e talento, que com um só lampeijo de sua luz offusca todos os

descuidos, e impede a vista deslumbrada de notar qualquer imperfeição. Não sou classico, nem romantico: de mim digo que não tenho seita, nem partido em poesia (assim como em cousa nenhuma); e por isso me deixo ir por onde me levão minhas ideias boas ou más, e nem procuro converter as dos outros, nem inverter as minhas nas dellas: isso é para litteratos de outra polpa, amigos de disputas, e questões, que eu aborreço.

A acção do poema é a composição, e publicação dos *Lusiadas*; os outros successos, que occorrem, são de facto episodicos, mas fiz per os ligar com a principal acção. Tam sabida é a fabula, ou enrêdo dos *Lusiadas*, e a vida de seu auctor, que nem tenho mais explicações que fazer a este respeito; nem será diffícil ao leitor o distinguir, no meu opusculo, o historico do imaginado: mas não separará de certo muita cousa, porque das mesmas ficções, que introduzi, tem sua base verdadeira as mais dellas.

Sôbre orthographia, (que é fôrça cada um fazer a sua entre nós, por que a não

temos) direi só que segui sempre a ethymologia *em razão composta* com a pronúncia; que accentos, só os puz onde, sem elles, a palavra se confundiria com outra; e que de boamente seguirei qualquer methodo mais accertado, apenas haja algum geral, e racionavel em portuguez: o que tam facil, e simples seria, se a nossa academia, e govêrno em tam importante cousa se empenhassem.

Hoje me veio ás mãos uma obra em francez de M. Denis, *Scènes de la nature sous les tropiques*, onde encontro um episodio sôbre Camões, em que ha parecenças com a minha obrinha. Como isto foi, melhor o dirá elle que eu, pois este poema se acha composto desde Julho passado, começou-se a imprimir em Janeiro corrente, e sai acabado da imprensa, hoje 22 de Fevereiro de 1825; a obra de M. Denis publicou-se em Dezembro p. p. — É notavel a coincidencia, e muito me lisongeia.



Ao seu Amigo M.

O. D. C.

O Auctor.

CAMÕES.

CANTO PRIMEIRO.

Esta he a ditosa patria minha amada,
A' qual se o ceo me dá que eu sem perigo
Torne com ésta empresa ja acabada,
Acabe-se ésta luz alli comigo.

· *LUS., cant. III, est. 21.*

SAUDADE! gôsto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o íntimo peito
Com dor, que os seios d'alma dilacera,
— Mas dor que tem prazeres; — Saudade!
Mysterioso numen, que avventas
Corações, que estalárão, e gottejão,
Não ja sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lagrimas; — Saudade!

Mavioso nome, que tam meigo soas
Nos lusitanos labios, não sabido
Das orgulhosas bocas dos Sycambros,
Destas alheias terras; — Oh Saudade!
Magico numen, que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitario amigo,
Do vago amante á amada inconsolavel,
E até do triste do infeliz proscripto,
— Dos entes o misserrimo na terra —
Ao regaço da patria em sonhos levas,
— Sonhos, que são mais doces do que amargo,
Cruel é o despertar; — Celeste numen,
Se ja teus dons cantei e os teus rigores
Em sentidas endeixas; se piedoso
Em teus altares humidos de pranto
Depuz o coração, que inda arquejava
Quando o arranquei do peito malsoffrido
A' foz do Tejo, — Ao Tejo, o' deusa, ao Tejo
Me leva o pensamento, que esvoaça
Timido, e acovardado entre os olmedos,
Que as pobres aguas dêste Sena regão,
— Do outrora ovante Sena. Vem no carro,

Que pardas rôllas gemedoras tirão,
A alma buscar-me, que por ti suspira.
Vem; não receies a acintosa mofa
Desa voluvel, desprezível gente,
Povo de variaveis sycophantas:
Não te conhecem elles. — Eia! vamos:
Deixa o caminho da infeliz Pyrene;
Taes mágoas, com ahi vão, poupa a meus olhos;
Assás tenho das minhas. — Largo! aos mares:
Livres corramos sôbre as ondas livres
Do oceano indomado por tyrannos,
Livre como sahiu das mãos do Eterno,
Sua feitura unica no globo,
Que impias mãos d'homens não poderão inda
Avassallar, destruir. Ahi d'entre as vagas
Surge a princeza altiva das armadas,
Patria da lei, senhora da justiça,
Couto da foragida liberdade.
Salve, Britania, salve, flor dos mares,
Eu te saúdo, ó terra hospitaleira!
Se ora, pousando em tuas ricas praias,
Podesse ir abraçar fieis amigos,

Que pelas ribas dêsse nobre Thamesis
Vivem á sombra d'arvore sagrada
De abençoada independencia a vida!
Não posso; mas sobeja-me a lembrança
Indelevel, e a voz não morredoura
Da sincera, gratissima amizade.

Certo amigo na angústia, que aos tormentos
Myrradores, que a vida me entravavão,
Aligeiraste o pêso, e com amiga
Dextra cravaste á roda do infortunio
Cravo, que ao giro barbaro lhe impece
De alfim dar cabo aos procellosos dias
Do malfadado, perseguido vate; —
A ti minhas endeixas mal cantadas
Nas solidões do exilio, onde as repettem
Os ermos echos de estrangeiras grutas,
A ti meus versos consagrei na lyra:
Quebrada sôbre o escolho da desgraça
Inda languidos sons desfere a medo,
Que a teu fiel ouvido vão memorias
Lembrar da patria, e recordar do amigo.

Ouves? Rija celeuma aos ares sobe,
E fere os ventos, que nas ondas folgão.
« Terra, terra! » bradou gageiro áleria.
« Terra! » echoa confusa vozeria
Da maritima turba: Oh! voz querida,
Doce aurora de gôso, e de esperança
Ao coração do nauta enfraquecido,
Do alquebrado sequioso passageiro,
Que a esposa, os filhos, ou talvez a amante
Nessa voz doce, e grata lhe alvejarão.

Terra, e terra da patria! Debuxada
Se ve pullando a magica alegria
Nos semblantes de todos. Ja contentes,
Um se affigura surprehender o amigo,
Outro á esposa fiel cahir nos braços;
Este da velha mãe, que ha tanto o chora,
Ir enchugar as lagrimas afflictas;
Aquelle entre alvoroços, e receios,
Não ousa de pensar se ao pae enfermo
Na descarnada mão rugosa, e sêcca
Osculo filial lhe é dado ainda

Respeitoso imprimir, — ou se a ternura,
Se o amor de filho sôbre lage avara
Se irá quebrar de gelido sepulcro,
Que em sua ausencia — tam longa — lho roubasse.
Qual da amada, que sempre foi constante,
— Ou sempre, ao menos, lha pintou de longe
A ramorada ideia — perto agora
Começa de temer que tal distancia,
Separação tammanha, e tam comprida,
Novo amante mais perto... — Mas quem sabe?
Talvez... — E esse *talvez* é de esperança
Querida sempre, sempre lisongeira.

Um só no meio de alegrias tantas
Quasi insensível jaz : Calado, e quêdo,
Encostado á amurada, os olhos fitos
Tem nesse ponto, que negreja ao longe
La pela proa, e cresce a pouco e pouco.
Era esse o extremo promontorio,
Que dos montes de Cynthia * se projecta

* Os montes, ou serra da lua, i. e. a de Cintra.

Sòbre o fremente oceano, que na base
Tremendo quebra as enroladas vagas.
No gesto inda gentil, mas annuviado
De sombras melancolicas, impresso
Tem o character da cordura ousada,
Que os filhos ennobrece da victoria :
Gesto, onde o som da bellicosa tuba
Jamais a còr mudou, nem feito indigno
Tingiu de pejo vil. Na tez crestada
Honrada cicatriz, que envergonhára
Adamados de còrte, dá realce
A's feições nobres do gentil guerreiro.
Dèsses olhos, que a luz ateou do ingenho,
Quem um dos lumes apagou? — A guerra
No campo das batalhas. Um, que resta,
Vivaz centelha, e avido se alonga
A' recobrada patria. — « Patria » : disse
Em voz tam baixa, que a tomáras antes
Pelos echos do interno pensamento,
Que falla ao coração sem vir aos labios.
« Patria, alfim tórno a ver-te. » — E ao mudo estado
Recalhiu da tristeza taciturna,

De que a ideia da patria o despertára.
Gallerno, e fresco o vento sussurrava
Pelas inchadas velas. Ja na terra,
Que a ôlho se avizinha, as mal distinctas,
Diversas côres surdem; — logo o escuro
Dos pardos sulcos discrimina a vista
Dos arrelvados campos: depois vem-se
As casas alvejando entre a verdura:
Eis claro o porto amigo. — Tal observas
Sob os pinceis de artifice divino,
Primeiro a incerta côr de vagas tintas,
Que aos toques mestres nesse cahos d'arte
Se desinvolem claras, se aviventão;
Copão-se bosques, erguem-se columnas,
De amenas flores se recamão prados,
Que pisão nymphas bellas. — Pasma absorta,
Admirando-se n'arte a natureza,

O sol descia rapido, e ja perto
De seu diurno termo começava
A destingir o verde-mar das aguas
Co'a açafroada côr, que o leito llic orna

No occaso derradeiro. Leves girão
Do seguido baixel cruzando entôrno,
Como um bando de loucas mariposas
Em derredor da chamma, — as destemidas
De ferrea proa rapidas muletas.
Grosseiros parabens em brado rustico
Dos leves barcos soão : modulada
Aos roucos sons das vagas nos cachopos,
A voz do pescador brama como ellas.
«Piloto!» gritão; e a um signal de bórdo
Do alteroso galeão, d'um salto pulla,
— Qual delphim namorado nas campinas
Do azul-escuro mar — o palinuro
Nos segredos do Tejo iniciado.
Rege a manobra fallador apito :
«Ala! — amaina!» Eis passada a estreita bòca,
Por onde seus tributos d'agua, et d'ouro
Leva ao Oceano o rio d'Ulyssea.
Juncto da tórre antiga, e veneranda,
—Hoje mal conservado monumento
Das glórias de Manoel, áncora desce;
E aos ingratos inhospitos baloiços

Do longo velejar, succede o brando
Meneio da suavissima corrente,
Que no remanso de seguro pôrto
Tam doce é de sentir ao nauta exausto
Dos repelões irados de Neptuno.

A' monotona grita compassada
Da festiva companhia se ala o esquife
Ao bórdo erguido, donde desce ás aguas.
Alegres, — como a noiva, que franqueia
O lumiar da paternal morada
No risonho cortejo, que em triumpho
A leva ás casas do anciado esposo, —
Ao pintado escaler velozes saltão
Dos passageiros a avida caterva.
Desce último o guerreiro pensativo.

« Rema! » Da popa, onde modera o leme,
Brada o mestre: obedece á voz o remo;
E ao golpe certo resvalou d'um pullo
Pela corrente lisa o leve esquife.

Um sentido clamor, como suspiro
De amargurado tom, vem da amurada
Do alteroso galeão. Volvem-se os olhos
Machinalmente ao sítio donde veio.
Quem virão nelle? Um pallido semblante,
Onde á malaia còr requinta o cobre
Viva expressão d'angústia. Os olhos negros
Nessas faces tostadas do sol d'Asia
Brilhão por entre as nevoas d'uma lagrima,
E parecem dizer na muda súpplica :
« Oh ! não abandoneis o pobre escravo ! »

Do homem, que é mau do berço á sepultura,
Uma só cousa á natureza deixão
Os habitos ruims que não prevertão ;
Do coração é o primeiro impulso.
O gesto aflicto do Indio supplicante
Dos remeiros contrai as maos callosas,
E involuntaria a compaixão se pinta
No parecer de todos. — Mas não tarda
A suffocar a debil voz do instincto
O que chamarão *reflexão* no mundo :

Melhor dirias *reacção* dos habitos,
 Que um instante vergou a natureza.
 « A'vante! » clama o torvo mestre : « A'vante! »
 Como que envergonhado do momento,
 Que involuntario ao coração cedêra.

« A'fé que não » : gritou c'ò accento austero, ;
 Que tam bem fica aos labios da virtude,
 Quando ante a prepotencia ousão de abrir-se :
 « A'fé, que não » : bradou, e em pé se erguia
 O nobre melancolico soldado,
 Sem desfitar do humilde escravo a vista :
 « Encontrae a toma-lo. »

— « O quê, amigo ?

Por vida minha, o que quereis ao Indio ?
 Neste meu escaler dessa fazenda
 Não levo a terra. »

— « Tal fazenda é ella,

Que dêsse estofo a não vereis a miude. »

— « Grão valor é o do escravo! »

— « E' meu amigo. »

— « Amigo ! amigos taes trazeis ao reino !

— « Rico vindes da India. »

— Rico!... certo:

De feridas ao menos.»

Suspendeu-se,

Corrido das palavras, que soltára
Diante de tal gente: a côr do rosto
Claro lhe indica o peijo, que envergonha
O homem honrado, que indiscretos labios
No calor da disputa descahira
Em reprehensivel gabo de si proprio.

No gesto do guerreiro se fixarão
Os olhos circumstantes; e o respeito,
Que uma acção generosa inspira ao vulgo,
Por aquelles semblantes se pintava.
Mas o grosseiro mestre se não corre
De seu descortez feito: e os signaes tantos
Da desapprovação geral o irritão.
Rudas imprecações, que rudas são
Como os calabres, que reger costuma,
De novo os remos a vogar excitão.
D'alta amurada do galeão suspira
O desprezado escravo. — Um movimento

De involuntaria colera, e despeito
Leva a mão do guerreiro mal soffrido
Da espada ao punho. — C'um sorriso fero,
Que parece dizer : « Quem sôbre as ondas
» Vida de p'rigos vive, não enfia
» Aos lampejos da espada : » — só responde
O carrancudo mestre. — Nesses tempos,
Que heroicos chama o enthusiasta ardente,
Barbaros o philosopho; e que ao certo
Erão pasmosa mescla de virtudes,
E atrocidades, — de honra, e de crueza,
Era o sangue juiz de taes pendencias,
E ao defeito da lei suppria a espada.
Barbara usança! — porêm nobre ao menos.
Hoje, que hemos soffrido de covardes
Sem peijo á prepotencia de roubar-nos
Dos tribunaes as leis, das mãos a espada,
Degenerados netos ousaremos
Nossss livres avós taxar de barbaros ?

Víra o Tejo suas aguas crystalinas
Roxas alli de sangue; e o breve espaço

Do curvo esquiſe não tivera as íras
Da mal-havença aos dous, se um podêr alto,
Tam forte, quanto é meigo, não viera
Intervir na disputa malferida.
N'um canto do escaler humilde, e absorto
Em pensamentos, que não são da terra,
Um velho, em que atelli não attentárão
Indifferentes olhos, se assentára.
Alvejavão-lhe as cans das longas barbas
Pelo negro burel, que o peito cobre.
O tempo, que tam longo tem passado
Pela accurvada frente, lhê ceifára
Messes, onde talvez a mocidade
Viçosa lourejou : hoje o que resta,
— Raro respigo ao segador cahido, —
Tira á còr baça do ligado argento.
Como que a humanas cousas retirados,
Se encovárão nas faces descahidas
Os olhos, onde a luz quasi assemelha
A' lampada, que ardeu no tabernaculo
Inteira a noute, e ao arraiar do dia
Fallece á mingua d'oleo. A mão tremente

Em viageiro bordão arrima; e cálção
Nus os pés as sandalias costumadas
A sacudir o pó da terra do impio.
Rico de affrontamentos, e trabalhos
Vinha do longe oriente á occidua praia,
Não ao repouso placido á velhice,
Mas a solicitar novos trabalhos
Em recompensa d'outros. Dêstes erão,
— Antes de se enredar em vans disputas
De orgulho, e presumpção mais que mundana—
Os que n' Asia opulenta, Africa adusta
Levavão de poz si nações inteiras
Ao culto de um só Deus, da lei mais sancta,
Que—tirae-lhe o que os homens lhe hão mesclado--
Jamais na terra appregoárão homens.

Foi este o anjo de paz, que em tal fermento
De azedas íras verteu mel suave
Da branda persuasão, que as neutraliza.

MISSIONARIO.

« Cavalleiro, essa mão na vossa espada

Inimigo da lei , diz , ou da patria ,
Que tendes na aze * da batalha em frente.
Não o vejo eu , mas cidadãos , e amigos ,
Christãos , mercê de Deus , somos nós todos
Quantos somos aqui. E ao ceo não praza
Que um cavalleiro portuguez arranque
Contra um seu natural armas de sangue.
Que — perdoae lhanezas d' um soldado ,
Que cercos tambem viu , e jogou lanças
Com mouros , e gentios. Neste velho
Corpo nem sempre andou burel de monge ;
Malha tambem vestiu : assim desculpa
Minhas livres razões : — mas uma espada
Ou na batalha em mãos de cavalleiros ,
Ou fóra della a rufiões só cabe. »

CAVALLEIRO.

Tam covarde não sou , que a tal contrario....
Mas o meu Jáo fiel , o meu amigo ,
Unico amigo ! »

* Ala.

MISSIONARIO.

« Honrão-vos taes fallas ,
 Que andrajos , e pobreza vos não peijão
 De chamardes amigo ao desgraçado.
 Mas, filho ;—mas , senhor , não ha bom feito,
 Que justifique um mau. » —

Ao duro nauta

Voltando-se lhe diz :

— « Amigo , é justo
 O que pede este nobre cavalleiro.
 Duros de coração Deus não ajuda.
 Que pésa o pobre escravo ? Ir-me-hei a bórdo ,
 E o meu logar lhe cederei com gôsto.
 Que tem ? Filho de Deus como nós somos.
 Mal enroupado ? Corações bem nobres
 Encobre amiude o saio remendado. .
 Se o cavalleiro te offendeu , bem vejo
 Que não é elle de negar o justo
 A quem devido for. »

— « Não sou por certo. »

O guerreiro accudiu ; e mal pesada

Tirou pequena bolsa,

— « Ahi tendes, mestre;

Poucos pardaus contem — (Menos me fição,

Talvez nenhuns—) em tom mais baixo, e trémulo,

Quasi de não se ouvir; nem certo o ouvirão.)

Porém daqui á praia não vai muito;

E a passagem do Jáo.... »

O MESTRE DO GALEÃO.

« Guarda a tua bolsa,

Cavalleiro orgulhoso; tanto quero

Os teus pardaus, como a tua espada temo.

Mas este padre falla como um anjo;

E o que elle disse é ditto. Atraca a bórdo;

E abaixo o amigo Jáo. — Rema! »

D'um salto

O Indio na lancha; e a lancha em mores pullos

De oito nervosos braços compellida

Sobe do Tejo a limpida corrente.

Apoz o disputar veio o silencio,

Que em finda altercação, mal repoisado

O ânimo pede, — e aos na contenda estranhos
Por sympathy natural se estende.
Era então noute : rapidos se esvaem
Em nossos doces climas os momentos,
Que entre as trevas, e a luz vacillão curtos.
A natureza prodiga em beldades
Por tam risonhas terras lhe ha negado
A magica illusão, que os veos estende
Nessa hora de saudosos pensamentos
Sòbre os campos boreaes : — hora tam triste,
Mas de tal suavidade melancolica!
— Não te hão formado o coração no peito
As maternas entranhas, se não ouves,
Nessa hora mysteriosa do crepusculo,
Uma voz, que te diz : *Estes momentos*
Consagra a natureza a doces mágoas.
O amigo ausente, a solitaria amante,
O pae longe, o filhinho em terra estranha,
Imagens são, que do vapor das terras
Amigas fadas no crepusc'lo formão,
E ante os olhos volteião d'alma absorta
N' hora sagrada ao genio da saudade.

Oh! serei eu nos sonhos do sepulcro ,
Entre o nada das cinzas , — quando a noute ,
Qualquer que seja o angulo do mundo ,
Onde meus pés se poisem , me não traga
Lembranças dos momentos deliciosos ,
Que nesse intercalar de dia, e noute
Da nebulosa Albion gosei nos campos ,
Quando no berço teu, bardo * sublime ,
Inimitavel, unico, espraiaava
Por infindas planicies d'alvo gêlo
Os desleixados olhos , e topava
Ao cabo la da vastidão , co'as cimas
Das elevadas grympas, que se agução
Sôbre as arcadas simplices do templo ,
Entre as choupanas da vizinha aldeia ;
E se me affigurava á mente alheada
Ouvir o canto funebre das harpas ,
Que da sensivel Julieta ao tumulo
As nenias acompanhão. — Mas quam longe
Me tornou a volver do Tejo ao Thamesis

* Shakespear. — Veja as notas no fim.

Cortado de lembranças, que o confundem,
O pensamento vago! — Escura a noute
Suas roupas de dó tinha estendido
Pelas tórres da inclita Ulyssea;
Mas no seu puro ceo nem leve sombra.
Ausente era Diana, e seu modesto,
Serenos brilho: mas sem luz, que as vexa,
Com nitido fulgor doce esparzião
Seu alvo lume as candidas estrellas,
E em tremulos reflexos pelas aguas
Do crystalino rio se espelhavão,
D'onde consoladora se exhalava,
Como um sussurro de viçosas folhas,
Alma brisa da noute, que refresca
Os corpos então aridos das chammas,
Com que o touro celeste em furia ardia.
Raras começão a brilhar nas trevas
Pelas estreitas gothicas janellas
As veladoras luzes: accalmava-se
O vivaz borborinho da cidade,
E no socêgo placido da noute
Pouco a pouco, insensivel se perdia.

E'sta se abria magestosa scena
Ante os olhos dos nautas, que surcavão
Aureos caudaes do Tejo. Silenciosos
Se derramavão de olhos satisfeitos
Por quadro tam magnífico, e buscava
Cada qual pelas trevas mal cortadas
De froixo lume aqui, alli acceso,
Descubrir o paterno, amigo tecto,
E o leve fumo, que do lar se eleva,
Onde a ceia frugal, que o não espera,
Apprompta a cara esposa, mal cuidosa
Que hade aquinhoá-la o pae c'os tenros filhos.

Tam vivas se pintavão nos semblantes
E'stas ideias aos calados nautas,
Que lhas leu nelles quem taes pensamentos
Triste não participa. — Quem é elle?
O filho melancolico da guerra:
Leu-lhas; e um sentimento quasi inveja,
Não tam baixo, mas não menos amargo, —
Lhe trouxe do mais íntimo do peito
Um suspiro, que morre á flor dos labios,

E suffocado ao coração reflecte.
Aguda foi a dor, acerbo o espinho,
Que esse ai lhe pungiu d'alma. — Quem soubera
Os mysterios dêsse ai! Quem revelára
Os segredos do incognito guerreiro!
Consome-o acaso a heiva da doença?
De mal vingada affronta a injúria o rala?
Injustiças dos homens o perseguem?
Ou são penas d'amor? — Silencio! deixa
Ao coração do triste o seu segredo.
Espreitar indiff'rente os pensamentos,
Que os labios do infeliz feixão no peito,
Curiosidade van, mal generosa
E' de ânimo insensivel: não exijas,
Se o pódes consolar, preço tam duro
Por teus confortos. Pouco vale a dextra,
Que não enchuga as lagrimas do afflicto,
Sem lhe rasgar primeiro os seios d'alma
Para lhe esquadrinhar do pranto a causa.

O escaler abicou na praia amiga;
E a suspirada terra emfim pisarão

Os desaffeitos pés. Quantas penurias,
Quantos perigos, desalentos, sustos
Em viageiras fadigas se hão penado,
Este momento só, ésta alegria,
Oh! quam sobejo as paga. O sentimento
Quasi devoto, com que beja o nauta
As areias da patria, é porventura
Na peregrinação da nossa vida,
— Se exceptuas a morte, — o mais solemne.

Separárão-se; e foi caminho usado
Cada um de seu lar. Ledos se forão;
Todos? — Não : tres diviso sôbre a areia,
A quem parecem vacillar na mente
As ideias penosas, que accomettem
O viajante isolado em terra alheia.
São estrangeiros? — Dous. Que patria longe
Do paiz lusitano, os trouxe ao dia?
— Entre as palmeiras do cheiroso oriente
Um na infancia folgou : deu-lhe impia guerra
Em trôco pela patria, e liberdade
Feros de escravidão : — mas ha nos ferros

Vínculo ás vezes, que té prende o ânimo ;
Raro o caso verás : porém não chora
O Jáo pelos palmares do seu ninho ;
Prende-o a amizade, não grilhões de escravo
A seu senhor , amigo , e companheiro.
— Eess' outro?—Deu-lhe o ser matrona do Ebro;
E os pendões de Isabel hasteou nos muros
Da vencida Granada : mas a frente,
Que apenas raras cans lhe encobrem hoje ,
Nem só das murtas se coroou da Alhambra ;
Cappellas de magnolia em mundos novos
Lhe derão sangue, e crimes.... Crimes forão,
Que o socio de Cortez cobriu do sacco,
E humilhou nas cinzas a cabeça
Dos louros da victoria descingida.
Pardo burel lhe cobre a penitencia
Nos membros, que luzirão d'aço, e d'ouro.
Voto solemne, e zêlo d'outra glória
O levou d'alem cabo das tormentas
Da aurora aos roxos seios. — E estes erão
Os que juncto ao guerreiro silencioso
Mudos como elle, e quedos o fitavão.

Longo o calar não foi : com passo trémulo

Do joven se approxima o ancião guerreiro :

— « Nesta grande cidade ambos estranhos
Somos, ao que parece. »

— « Estranho eu ?... Quasi.
Sou, e não sou estranho. »

— « Não me é d'uso
O metter mão curiosa nos segredos
De quem os tem. »

— « Segredos en não tenho :
Sou portuguez , e de ser tal me..... prézo. »

— « Mas de Lisboa não ? »

— « E' minha patria.
Desejais saber mais ? »

— « Minhas pergunctas,
Cavalleiro, não são de curioso ;
Outra vez o repitto : um pobre monge
Tem uma pobre cella, e magra ceia ,
Mas ambas offerece d' alma, e gòsto.
E' tarde ; e se outro hospicio á mão não tendes,
Sereis bem vindo a um gasalhado humilde
De quem melhor, a tê-lo, o offerecêra.

Má noute passareis : mas um soldado
Não teme estrados maus, nem leitos duros.
Soldado fui tambem : ser-me-ha ventura
Em meus quartéis d' inverno receber-vos. »

— « Tal cortezia é d' animo sincero ;
Nem sou homem , senhor , que a desvalie.
Mas um desconhecido , e porventura

Della não mer'cedor deve acceita-la ? »

— « E por que não , se lhe é mister , e a préza ? »

— « Conheço.... »

— « A noute passa. Horas são éstas

Improprias de ir buscar outra pousada.

Se vos não peija de acceitar a minha,
Vinde. E peija de quê ? Pobre, e mesquinha
E', ja vos disse ; mas senhores grandes
Em mais pobres mosteiros alvergárão. »

— « Ancião venerando , sou com vosco :
Honra-me , não me peja a offerta amiga.
Uma só cousa.... Nada. Eu ja vos sigo. »

A' parte chama o escravo , e da pequena
Bolsa tirou porção pouco avultada

De seu modico haver. — « Busca poisada
Para ésta noute; e ámanhan bem cedo.... »

MISSIONARIO.

« O que fazeis, senhor ! sou eu mais barbaro
Que o mestre do galeão ? Pude com elle
Que d'um servo fiel não separasse
O senhor generoso ; e havia agora
De fazer eu peor ! Envergonhais-me....
Offendeis-me talvez. Amigo, vinde,
Segui vosso bom amo : para todos
Em nossa humilde casa ha tecto, e abrigo. »

Ao Jáo fiel cabiu de puro gòsto
Uma furtiva lagrima, que havia
Rebentado de timido receio,
Mágoa de se ver só, deixar seu amo,
E ir procurando por tammanhas ruas
Aquem?...—Ninguem conhece o pobre escravo.

FIM DO CANTO PRIMEIRO.



CANTO SEGUNDO.

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi candida, e bella,
Sendo das mãos lascivas maltrattada
Da menima, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, a cor muchada;
Tal está morta a pallida donzella,
Sêccas do rosto as rosas, e perdida
A branca, e viva cor co'a dece vida

LUS., cant. III, est. 134.

QUE sons descompassados troa o bronze
Nas tórres do mosteiro? Que ais carpidos,
Que agudos huivos desgrenhadas gritão
Essas mulheres pallidas? — Que funebres
Alas são essas de homens todos lucto
De escuro vaso*, e longo dó vestidos?
Que hymnos de morte roucos murmurando
Vão esses cabisbaichos sacerdotes?
Que pompa e' essa? Um atalhude a fexa.

* Veja nota no fim sôbre vaso, e dó.

Orgulho do homem, dás o arranco extremo
Na vaidade da campa. Que grandezas,
Que distincções queres pleitear ainda
Na igualdade terrível do sepulcro?
Desingano da morte, és tu acaso
Outro sonho dos miseros viventes?
Quem desinganas tu? — Vírão de longe,
Caminho do mosteiro, os viajantes
Enfiar a porta maxima do templo
Ordem longa de tochas, baço lume,
Clarão triste de mortos. Sons perdidos
Do psalmejar monotono lhes trouxe
A gemedora viração da noute;
E o ar pelos ouvidos lhe estremece
Com o dobrar das campas desentoadas.

Ruin agouro! Um sahimento funebre
Ao regressar á patria! Não se pôde
Conter do involuntario pensamento
O portuguez viajante. Mal conhece
A intrepidez dos bravos esse louco
Terror do vulgo, que estremece á vista

D'um gelido cadaver : costumados
A ver a face pallida da morte,
As agonias roxas, e o tranzido
Suor do passamento, — não se movem
Seus musculos tam facil. Mas ressumbra
Não seiquê tam solenne, e grave, e augusto
D'um funeral andando a passo lento
A's portas do jazigo ; que essa pompa
Triumphal da morte do mais duro peito
Ao gesto mais tranquillo traz de fôrça
Contração impossivel de incubrir-se.
Não lhe chamo terror ; nome lhe assignem
Qual queirão mais : porém o sentimento,
A impressão natural é sempre a mesma.

Desta commum fraqueza — se tal era —
Não foi isento o Luso ; — e porventura
Um preságio de incognita desgraça,
Um secreto cruel presentimento
De não sabido mal se uniu áquelle.
O Jáo supersticioso, como é d' Indios,
Fez claro um gesto de terror, a face

Volveu á esquerda, e co'a mão fria trava
Da curta capa ao amo :

— « A' esquerda, á esquerda,
Meu senhor, não encares um finado
Em sua última viagem : ha mal em ve-lo
Face por face. »

— « Deixa-me, ignorante,
Com teus medos ridiculos. »

— « Embora,
Embora : mas na India.... »

— « Não prosigas. »

MISSIONARIO.

« Que ha tam medonho, e mau nesses despojos
Da passageira vida? Um tronco sêcco
Pelos ventos do outomno despojado
Do viço, e folhas; — tenda abandonada
Pelo viandante, que voltou á patria.
Oh ! seja-lhe piedoso o juiz eterno. »

Chegavão aos cancellos do mosteiro;
E o missionario disse : « Cavalleiro,

Da casa do Senhor aberta a porta,
Nas passarei sem ir ante os altares
Meu tributo de graças off'recer-lhe.
Cuido me seguireis : o humilde cantico
De nossa gratidão irá junctar-se
Com as preces dos mortos. Mas que importa ?
Ouvirá Deus a todos. Se lh'o impedem
Superstições, e medo ; embora fique,
E nos aguarde o escravo. » — Não responde
O guerreiro, mas segue o ancião piedoso.

Fosse terror, ou sentimento fosse
De mais occulta origem, pelas naves
Do templo entrou com passos mal seguros.
Elle, que tantas vezes ha rompido
As cerradas filleiras, — que á guardada
Brecha se appresentou com rosto frio,
Ea entrou sem vacillar !-Oh! que ente és, homem,
Incomprehensivel tu ! — Do templo em meio
Alto, e funereo estrado se levanta
Ne ro da côr dos tumulos. Em cima
Poi sava um atahude. Alva cappella

De quasi murchas, desbotadas rosas
Indicava, que a victima da morte
D'hymeneu illibada succumbíra.
Pesados luctos, e arrastrados fumos
Cubrião, perto, amigos, e parentes
Funebre silenciosos. Arde entórno
Renque de brandões pallidos; e affumão
Do embalado thuribulo os vapores
Da resina sabea. Echoa o templo
Co'as tremedoras notas dèsses hymnos,
Que na solemne entrada do sepulcro
Terrivel canta a igreja, — quasi um echo
Da profundez do abysmo, que reflecte
Pavoroso na terra. — Aponto entravão
Os viajantes no templo quando o choro:

» Tedio da vida concebeu minha alma;
E é fôrça que desate apropriã lingua
Contra mim mesmo, — e desabafe o peito,
A amargura fallando de minha alma. »

« Direi a Deus : Não me condemnes, ouve-me.
Por que assim me julgaste? Acaso é digno

De ti calumniares-me, avexar-me,
A mim, que sou das tuas mãos feitura? »

« São teus olhos de carne como os d'homem?
Como elle ves, e julgas? — Porque ao dia
Do carcere materno me has trazido?
Ochala que eu não visto phecêra
De ôlho nenhum vivente, e houera sido
Como se nunca fosse, — trasladado
Do ventre á sepultura. »

« O escasso número
Dos dias meus não será findo em breve?
Deixa-me pois chorar a minha mágoa,
Gemer co'a minha dor antes que desça,
Para mais não voltar, á tenebrosa
Terra, que a escuridão cobre da morte.
Terra de mingoa, e trevas habitada
« Pelas sombras da morte, — onde mais ordem,
Que o sempiterno horror ha hi nenhuma. » *

As vibrações da musica, as palavras

• *Job, cap. X.*

Não menos fortes, o logar, a hora,
A grinalda de rosas sôbre o tumulo,
Porventura ignoradas circunstâncias,
Que ás sombras dêste quadro dão relêvo
Com mais viveza n'alma, tudo a um tempo
No predisposto cerebro, de embate,
Violento abalo deu ao Lusitano.

Os cabellos na frente se eriçarão,
Como selva de lanças se ergue subito
Ao grito alarma em dia de batalha.

O coração parou-lhe; e o corpo turgido
Pesou sôbre os joelhos, que vergarão
De golpe a terra. Do que sente ignaro,
E de sua fraqueza envergonhado
Baixa o rosto, e se encosta á balustrada
Do choro, que por caso tem diante.

— Ou não sentiu, ou de sentir não mostra
A turbação, que o espirito aliena
Ao companheiro seu, o missionario :

Juncto delle ajoelhou, e em voz submissa
Ao Deus dos vivos, e dos mortos ora.

Findava o canto lugubre das preces :
Quatro enlutados cavalleiros sobem
Os degraus do moimento; da eça tomão,
Levão nos braços o atahude, e descem.
Todo o cortejo, murmurando os psalmos
Das rogações extremas, dirigiu-se
Em passo lento a lateral cappella,
Que em spyras ornão columnadas gothicas
De marmore tam negro como as vestes
Dos enlutados vultos, que as rodeião.
Da procissão ao cabo, os anojados
Levão de uma das mãos o triste pêsô,
Co'a outra sôbre os olhos segurando
O usado emblema do dorido chôro. *
Juncto ao guerreiro ajoelhado passa
O insensivel objecto dessa pompa.
Fosse caso, ou tenção ; nesse momento
Alevantando a face descahida,
Co'a vista no vizinho cavalleiro
Deu... estremece... ao atahude os volvé :
Ja longe o levão ; — mas viu inda e scudo

* Choradeiras : uso que inda pervalece na côrte.

De conhecido emblema no arremate
Ceos! que viu!... — A coroa d'alvas rosas,
Nesse instante um baloiço descontrado
Dos cavalleiros a desprende, — rólla
Por terra, e juncto delle pára.....

A'vante

Passão : ninguem nessa grinalda attenta,
Que desprende do feretro o acaso.
Acaso foi? — Mystérios ha na campá,
Que em tradições de seculos fundados
Me travão da razão : Cre-los não ouso,
Mas despreza-los... Tamben não : — pensava,
Não eu, mas o guerreiro atribulado.

O cortejo passou; — e a c'roa funebre
Ergueu convulsa mão, trémula a aperta,
E olhos, que desvairados a contemplão,
Parecem pergunctar-lhe : — « Flor de morte,
Em que pallida frente has tu pousado? »
Quem lhe responderá? Embreve a lousa
Se fexará, — como os ferrados cofres
Do avaro, onde nem lagrimas de afflictos,

Nem suspiros de tristes lhes aventão
Luz de esperança mínima. — Segui-lo;
Antes que o cerrè a campa, esse atahude,
Onde talvez... Oh barbara incerteza
Terrivel, cruelissima! Oh! terrivel
A verdade será... — Mas antes ella.
Corre ao sitio, onde viu encaminhar-se
O funeral: o som das vozes segue,
Entra a cappella escura; — Escuro é tudo;
Nem uma luz, nem um vivente. O baço,
Triste clarão da lampada, que ardia
Longe no mor altar, só la reflecte
Tanto de claridade, quanto as trevas
Dêsse recinto funebre amostrasse.
Foi sonho quanto viu! visão phantastica
Toda a funerea pompa, o canto, o feretro,
E essa fatal grinalda!... Ei-la, na dextra
Segura ainda a tem. — Escuta: uns echos
Sotteraneos, — como hymnos de finados
Por noute aziaga em cemiterios, se ouvem.
Inclina attento a orelha: um passo ávante;
Tropeça... Em quê? — N'uma revolta lousa:

Aberta está a porta do sepulcro.
Um tenue bruxulear de luz descobre
Na profundez do abysmo; os degraus ultimos
De humida escada ve: descera? — Desce:
Na estancia entrou das gerações estinctas.

Terra esquecida ahi jaz, ahi morão cinzas,
Por que em vão fallão epitaphios, lettras.
Sòbre a face da terra que deixaste?
Que feitos de virtude, ou de heroismo
Tua passagem nella assignalárão?
Nemhum? Inteiro ao tumulo desceste,
Traga-te o olvido todo. Ergue obeliscos,
Amontoa pyramides; — embalde!
Guarda um marmore só do esquecimento:
Lembrança é grata de prestante feito,
Que uns d'outros herdão renascentes evos.

Vai por entre essas tacitas phalanges
De enfileirados ossos caminhando
O atônito guerreiro; — ao cabo extremo
Dêsse arraial de mortos, dá c'os olhos
No cortejo de dó, que hóspede novo

Traz á morada eterna. Aponto o feretro
Ia baixar ao perenal encêrro,
Donde o não moverá, senão a tuba
Terrível, quando o sol se erguer do oriente
A dar a extrema luz ao dia extremo.
Dobra o passo; inda é tempo. Argentea chave
Tinha na mão de negro fumo ornada
Um cavalleiro: — o mais distincto esse era,
Ou o mais anojado: — uso sabido,
E veneranda prátca dos nossos.
Pela vez derradeira olhos de vivos
Verão a face livida do morto,
Que ao final poiso desce. Despedida
Solemne! E que expressão ha hi na terra
Em lingua d'homens, que traslade ao vivo
Todo esse accumular de sentimentos,
Que em si de tal instante o adeus encerra!
Ja vacillante mão abre o atahude...
Amortalhavão candidos vestidos
O corpo ainda airoso d'uma dama
Não morta no botão d'annos viçosos,
Mas na desabrochada flor da vida,

Tam delicada não, porém mais bella.
Velada a face tinha; mas conhece-a,
Quem? o guerreiro... quem? o seu amante.

Ceos! elle mesmo, elle! — Precipita-se
Sôbre o cadaver... ergue o veo... « Natercia! »
Natercia d'echo em echo repettirão
Os echos dos moimentos, accordados
Do somno sepulchral. Estremecêrão
Os do cortejo, e atonitos contemplão
O incognito. — « E'elle » uma voz disse,
« E' elle » — e entôrno remurmurão todos.

O sangue ao coração atropelado
Recuou, estagna-se, e parou da vida
As funcções todas ao guerreiro: em terra
De mortos semimorto cai. Entanto
Deu a volta fatal, e derradeira
A chave do atahude; cai a lagem
Sobre a bôca do tumulo. — A existencia
Se esvaceu, — começa a eternidade.

FIM DO CANTO SEGUNDO.

CANTO TERCEIRO.

Por meio dêstes horridos perigos,
Dêstes trabalhos graves, e temores
Alcanção os que são da fama amigos
As honras immortaes, os graus maiores.

LUS., cant., VI, est. 95.

« AH ! meu senhor... bem o disse eu : mal trazem
Vistas de mortos. »

— « Socegae, amigo;

Deixae-o repouzar : somno propicio

Ja lhe accalmou o sangue; e mais tranquillo

D'ânimo accordará. » — Submissas vozes

Murmuravão assim em baixo accento

Juncto do leito, onde prostrado, e placido

Por benigno Morpheu jaz o guerreiro.

De roxas violetas se toucava

No horisonte primeiro o alvor do dia,

E a claridade tenue da arraiada

De estreita fresta os vidros penetrando ,
A' morredoura luz de exhausta lampada
Vinha junctar sua luz na humilde cella ,
Onde este curto dialogo passava .

Pranchas de escuro til rudo lavradas
Do apposento as paredes guarnecião .
Sòbre uma banca de igual custo , e obra
Poisava antiga cruz , d'onde pendia
Agonizante o Christo : lavor fino ,
Que no indico dente a mão devota
D'um neophyto d'Asia executára ,
E fôra dom do grato cathecumeno
Ao que nas aguas mysticas do Ganges
Por novo rito , e lei lhe consagrára
Antigas abluções . Unico um livro
De pesado volume ao pé do lenho ;
O livro dos christãos : dous ferreos broxes
As grossas pastas fexão . Pende a um lado
Da parede enfumado antigo quadro ,
Que os rudes traços do pincel recorda
De Perugino , ou Vasco á infancia da arte :

Em cujo parecer traslado brando
Derão tinctas fieis dessa virtude,
Que o philosopho disse humanidade,
Charidade o christão. — Dispute em nomes
Quem de palavras cura : alma, que é d'homem,
Sem vaidades de lingua, obra, e não falla.
— Alvo-negro saial o ancião vestia.
Juncto delle, de pennas variegadas
Cingido a frente, e rins, imberbe um homem
De bronzea tez jazia malferido.
Convulsa a dor em contracções se exprime
No requeimado gesto; mas nos olhos,
Se é lagrima essa nuve' imperceptivel,
Que rara os cobre, — não de afflicto pranto,
Mas de sensivel gratidão deslisa.
Lettra o painel não tem; mas claro amostra
Novo Tobias * no hemyspherio novo.
Do habitador da cella amigo, e mestre
Las-Casas fôra, quando guerra injusta
Seu braço d'impia guerra outrora armado
Levou cruel aos povos mal defesos,

* Las Casas.

Que ajoelhavão pavidos, devotos
Ante homens numes dos trovões senhores. *
De tal amigo o commoveu o exemplo :
Pensada reflexão , não voto incauto
Extorquido á fraqueza , ou cega infancia ,
Lhe trocou no burel o azero , e malha.

Mas ja no leito o adormecido accorda.
Seus mal abertos olhos se descerrão
Ao primeiro luzir do sol , que é nado
Neste momento , agora : froixamente ,
Mas não turbados, derredor os volve
Pelo apposento. Como quem se affirma,
Um, e outro dos dous, que o acompanhão,
Quasi admirado fixa; e procurando
Reconhecer feições, que ha visto algures,
Com vagarosa mão correndo a frente
Uma vez, e outra vez, dá parecenças
De querer ajudar o involto cerebro
A desligar ideias mal distinctas.

* Verso de Filinto Elysio.

Assim ao que tomou gelado espasmo
Toda a apparente vida, os membros rijos,
Sem côr os labios, prêso o sangue.... é morto;
Ergue-se o carpir d'orphãos, da viuva:
Ja no sudario involto, ja nas andas
Os doridos amigos o conduzem
A' morada dos findos.... — Repentino,
Do coração começa o calor vivo
A devolver-se, manso e manso, ás veias;
Longes de esvaecida côr lhe tingem
Os beiços; pestaneja froxa a palpebra:
Abre os olhos, — que atonitos duvidão
Se inda é mundo o que vem. — Tal contemplava
Com pasmado semblante os que o rodeião
Do castelhano cenobita o hóspede.

Risonho, e com socêgo appropriado
A socêgo inspirar, lhe disse o monge:
« Bons dias, cavalleiro; em pobre cama
Ricos somnos se dormem — diz o adagio,
E o bem provastes hoje. O sol ja nado
Convida a erguer-vos; e este sino, que oiço,

A's preces matinaes me chama ao choro.

De refeição tereis mister : sadia,

Senão mui exquisita, vou buscar-vos.

No intanto levantae-vos : pouco tempo

Do vosso Jáó fiel na companhia

Vos deixarei : não tardo.»

— «E aonde.... estamos?

Não me lembra... Este sítio...»

« — D'um amigo,

Se me honrais com tal nome, estais em casa.

A nossa cella é ésta : Socegae-vos.

Atribulado ha sido vosso espirito :

Inseparavel condicção da vida

Padecimentos são ; todos penamos :

Mas a constancia é a virtude do homem,

E a paciencia a do christão. Mais largo

Conversaremos logo : a dor do peito

Quer-se desabafada em peito amigo.

Por ora conservae tranquillo o ânimo :

Breve aqui sou.»

E cobre o manto, e parte.

O silencio o seguiu ; e o tardo piso.

Apenas se escutava das sandalias
No longo dormitorio resoando.

« Devo » — dizia o incognito guerreiro,
Quando, á volta do choro, com seu hóspede,
Leve repasto da manhan tomavão —
« Devo a tam bondadoso, e terno amigo
A's sollicitas penas, e cuidados,
Que vos hei dado, confissão sincera,
Franca razão do mysterioso evento,
Que hontem presenciastes; — e do escandalo,
Se a meu pesar o dei, perdão vos peço. »
— « Demasiado avaliais fracos serviços.
O segredo é a rica joia d'alma,
Que não se mostra assim a olhos de todos.
O coração é cofre precioso,
D'onde, raro, confia homem prudente
A chave a seu mais íntimo. Guardae-vos
De baratear assim o ouro cendrado
Da amizade fiel (confiança intendo)
A qualquer, que sorrindo vos estende
Talvez curiosa mão, que não de amigo.

Embarda os achareis ; mas — perdoae-me,
Sou velho, e prompta sempre a dar conselhos
E' minha idade — se prestar-vos póde
O nada, de que valho ; se ajudar-vos
De obra, ou còselho imaginais que posso ;
De gôsto, e de vontade eis-me a escutar-vos.
Sou vosso amigo, sou : próvas nenhuma
De mim tendes ; mas Deus, que une as vontades,
E a quem prouve no peito gravar do homem
Esse invisivel *qué*, essa lei mystica,
Que attrai o coração d'um ente ao outro,
Deus sabe se, de quando em Mossambique
Vos conversei primeiro, senti n'alma
Não sei que voz dizer-me : — Segue esse homem,
Deves ama-lo ; é inféliz, e honrado. »

Do Lusitano ao gesto descorado
Esvaecido rubor assoma, — e foge ;
Qual foge aos olhos o lampciço rapido
Da trovoadá longinqua. — Um tanto a face
Descahiú sôbre o peito amargurado ;
E com voz, firme não, porê m serena

Disse : — « Luiz de Camões tinha um amigo
Unico só na terra. — Não te escondas,
Meu fiel companheiro : um feito honrado,
Generoso te peija ? — O pobre Antonio
Foi atequi, senhor, o unico vivo,
Unico ser na face do universo,
Em quem meu coração achou abrigo. »

Pelas faces do escravo, baga a baga
Enternecidas lagrimas cahião,
E o peito suffocado comprimia
A custo grande o soluçar, que o arfava.
Não póde mais : aos pés se deita do amo,
E sem conter o chôro :

— « Oh não me digas,

Não me digas, senhor, que sou amigo. »

— « Não o diga ! Porquê ? »

— « Porque isso parte

O coração do escravo. *Amigo é falso.*

Os de Macáo, de Goa, e Mossambique,

Todos faltárão ; e eu fui sempre... »

Corta-lhe

Um mar de pranto a voz.

— «Tu foste sempre
O meu fiel Antonio.»

Humedecêrão-se
Os olhos do guerreiro; e como a effeitos
De sympathico influxo, ao velho austero
Pelas rugas das faces deslizarão
Gottas de suave, enternecido pranto.

Serena a reflexão commoções d'alma.
O Lusitano continúa: — « Certo
Que has ditto bem: tam profanado, e abjecto
De amigo o sancto nome hão pôsto os homens,
Que mal sei eu se injúria, ou honra é elle. »
Parou aqui, como assombrado n'alma
Da amarga observação. Depois volvendo-se
Menos afflicto ao missionario, disse:

— «Embora! pois que emfim tenho encontrado
Consolação tam doce a minhas mágoas.
O meu nome — inda mal! bem conhecido
No novo imperio luso do oriente —
E' Luiz de Camões. Em tenros annos
Ancia ardente de glória, e de renome,
Porventura outra causa mais violenta,

Mais nobre... e mais funesta — me levárão
A's africanas praias, dura eschola
Da portugueza mocidade. Alegre,
Que me surria então verde esperança
No inganoso porvir, — entrei os muros
Da veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue regio, e d'um martyrio illustre.
Paternas mãos as armas me cingirão.
Oh! pae tinha eu ainda... Honrado velho,
A teu lado, meu braço mal seguro
Se avigorou, de teu exemplo, aos botes.

» Ah! se um filho, que ha visto na batalha
O paterno valor, que ouve entre a grita
Aquelle voz, que o acariciou na infancia,
Bradar-lhe — « A'vante! » aquelle braço amigo,
Que o embalou nos dias da innocencia,
Ve-lo appontar-lhe a estrada da victoria;
Oh! se a tal homem covardia póde
Entrar no peito vil... Não é possivel.
Eu apprendi a combater com elle,
Lembra-me o dia — porventura o maximo
De minha vida, se hontem, se outro ainda

Nos de minha existencia não contára; —
 Quando no estreito * a barbaresca frota
 Nossas naus victoriosas derrotárão.
 Essa a lição primeira me foi d'armas,
 Essa a primeira vez, que o mauro alfange
 Por d'ante os olhos me cruzou co'a morte.
 Juncto a meu pae (á frente o vírão sempre)
 Sôbre o imigo baixel a panno cheio
 Cahia a nau de seu commando. ** Um sylvo
 De peloiro soou. — Mirado a elle
 Certo mouro tinha. — Estendo o escudo...
 Movimento feliz! salvei-lhe a vida.
 A balla resvalou, — e ja sem fôrça,
 Leve aqui me feriu na sestra face,
 E fria aos pés me cai. »

— «Leve ferida

Dizeis vós, que um dos olhos!... »

— «Que vale isso

Para salvar um pae? Dous nos ha dado
 Liberal natureza. — Volvo á patria

* De Gibraltar.

** Historico.

Outra vez de esperanças illudido.
Alguns serviços, por benignos chefes
Exagerados sim, mas não mentidos,
Nada obtiverão, — nem o esquecimento
D'um inimigo cru, jurado, injusto,
Que jamais o offendi, jamais. — Se é offensa
Ter olhos para ver a formosura,
Coração para a amar, alma de fogo
Para mandar aos labios anhelantes
Faiscas dêsse amor; se o dom da lyra
(Di-lo-ei funesto, ou chamar-lhe-ei-ditoso?)
Que me outorgára o ceo, votei ás aras
Dêsse amor, que foi unica ventura,
De minha vida, — unica, innocente
Causa de mens acerbos infortunios;
E agora... »

Sòbre o peito a dextra apperta,
Como em chaga dorida a mão do enfermo
Para accalmar a dor; pendeu-lhe afrente
Para o seio agitado. Instantes breves
As mostras da afflicção se patenteião.
— « Se é crime (continuou) ter alma, e vista,

Foi essa a unica offensa, que lhe hei feito
Ao vingativo conde. * Por má sorte,
Laços fataes de sangue lhe prendião
De meus suspiros o adorado objecto.
O nascimento igual, a igual fortuna,
Tudo por mim, tudo por nós fallava.
Cubiça empederniu seu duro peito :
E o soldado só d'honra herdeiro rico :
Que podia esperar ? Seu vão orgulho
Se envileceu, de baixo, a perseguir-me.

» Nada na còrte obtive contrastado
Por tam forte inimigo, e poderoso.
Sem arrimo, sem pae — (Como eu, perdido
Entre o obscuro tropel dos desvalidos,
Que o sangue pela patria hão barateado
Para perder á mingoa o resto d'elle,
Meu pae de pura mágoa, e de despeito
Fenecêra em meus braços.) só no mundo
Que me restava ? Perecer como elle,
Ou por um nobre feito despicar-me,
Vingar a affronta d'uma patria ingrata.

* O conde da Castanheira : veja nota no fim.

« De taes ideias combatido o ânimo,
Um dia ás margens do formoso Tejo,
Curtindo acerbas dores, passeiava,
E os olhos desvairados estendia
Por essa magestade de suas aguas
Coalhadas de baixeis, que as ricas pareas,
Que os tributos do oriente vem trazer-lhe.
Andando, meu espirito agitado
Se enlevava nas glórias, nos prodigios,
Que a tam pequeno canto do universo
Ametade da terra avassallarão.
Transportava-me o ardente pensamento
Aos palmares do Ganges envergados
De tropheos portuguezes; via o nauta,
Que ousou galgar o tormentorio cabo,
E nos balcões da descuberta aurora
Hasteou as Quinas sanctas. Retinião-me
Nos tremulos ouvidos os trabucos,
Que a golpes crebros as muralhas prostrão
Do rico Ormuz, da próspera Malaca,
E da suberba Goa, emporio novo
Do novo imperio immenso. Via accurvados

Reis de Siam, Camboje, de Narzinga
Aos pés do vencedor depor os sceptros,
E render, supplicantes, vassallagem
Ao ferro lusitano. Os nobres muros
Vi de Diu estalar, saltar aos ares
Por infernal ardil; e entre as ruinas
Dos inflammados bastiões, — dispersos
Os palpantes membros dêsse filho,
Por quem não correm lagrimas paternas;
Não, que martyr da patria é morto o filho.

« Dêsse pae venerando, — esse Fabricio
Da lusitana historia, renovando
Sob os arcos triumphaes da inclita Goa
Altas pompas de Roma, e altas virtudes,
Que só gerárão Lusitânia, e Roma, —
De Vasco, de Pacheco, de Alboquerque
Inflamavão n'um extasi de raptó
Meu peito portuguez memorias grandes.
Quem taes milagres d'heroismo, e d'honra,
Quem tanta glória a tam pequeno berço
Foi tam longe ganhar? Quem a um punhado

D'homens, á mais pequena nação do orbe
Deu máres a transpor, veredas novas
A descobrir na face do universo ;
Povos a subjugar, reis a humilhá-los,
Ignotos mundos a ajunctar ao velho,
E, a dilatar-lhe a superficie, a terra?
Elles. — E a patria, por quem tanto hão feito,
Que digno premio lhes ha dado? — A fome
N'um hospital galardoou Pacheco ;
A Alboquerque a deshonra ao pé da campa ;
Castro a pobreza, que os soccoros ultimos
Sòbre o leito da morte mendigava.

« Ingrata — ingrata patria! — Fatigado
Como de tanta glória, e tal vergonha,
Parei. Juncto me achava então do templo *,
Que a piedade, e fortunas appregao
De Manoel o feliz : padrão sagrado
De glória, e religião ; esmêro d'artes
Protegidas d'um rei, que soube o preço
— Alguma vez ao menos — ao talento

* Ingreja do convento de Belem.

A' lealdade, ao valor, ao patriotismo.

— Nem sempre; mas tam pouco de virtude

Basta n'um rei para esquecer-lhe os crimes!

« Aberta em par do templo estava a porta;

Entrei. Nas vivas telas animadas

Dos pinceis de Campello se pascião

Meus olhos admirados. Dei c'ò tumulo,

De custoso lavor, que ali resguarda

As cinzas do monarcha affortunado:

Affortunado em vida; — a morte, fexa-lhe

Sêllo do Eterno os labios descarnados:

São segredos de Deus os do sepulcro.

Mais cansado, que pio, ajoelhei-me

Sôbre os degraus do tumulo; insensivel,

No recostado braço a frente inclino,

E descahi n'um languido deliquio,

Que nem morte, nem somno, mas olvido

Suavissimo é da vida. Somno embora

Lhe chamaria, se as visões tam claras

Mais raptó d'alma em extasi sublime,

Que imagem van de sonhos, as não visse.

Talvez seria natural effeito
De agitados sentidos ; porventura
Mui credulo serei : mais alta causa
Do phenomeno estranho então a tive.

«Oh ! sonho não foi esse. — Affigurou-se-me
Ver do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente,
Que mal embaça o lume das estrellas
No puro azul dos ceos : — foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana fórma irregular, — qual sohem
Ao pôr do sol phantasticas figuras
As nuvens debuxar pelo horisonte. —
Logo mais certas, mais distinctas fórmas,
Qual molle cera em mãos d'habil artifice,
Tomando foi. Ja claro ante mim era.
Roupas trajava alvissimas, e longas :
Seus braços de extenção desmesurada ,
Um sôbre o peito c'o indice appontava
Ao coração, que as vestes resplendentes
Transparecer deixavão. Viva chamma,

Como luz de carbunculo, brilhava
Na viscera patente; e em radiosas
Lettras lhe solettei — *Amor da patria.*

- » Da maravilha como por incanto,
Sem receio, ou terror a contemplava,
Quasi por tal prodigio infetiçado;
Quando estes sons, entre aspero, e suave,
Mas solemnes ouvi : — « Joven ousado,
« Grande empresa te coube, — acerba glória,
» De que não gosarás. Desgraças cruas
» Fadão teus dias... Mas a glória ao cabo.
» A patria, que foi minha, que amei sempre,
» Que amo inda agora, grão serviço aguarda
» De ti. Um monumento mais duravel
» Do que as molles do Egypto, erguer-lhe deves.
» Pyramide será, por onde os seculos
» Hão de passar de longe, e respeitosos.
» Galardão, não o esperes. — Enganado
» Por tredo aconselhar, ingrato hei sido,
» E a quem! — Maiores de meu sangue ainda
» Ingratos nascerão. * Tu serve a patria :

* Allude ao que depois se diz d'el rei D. Sebastião.

- » É teu destino celebrar seu nome.
» Os homens não são dignos nem d'as queixas
» Escutar do infeliz. Segue ao oriente,
» Salva do esquecimento essas ruínas,
» Que já meus netos de amontoar começam
» Nos campos, nos alcaceres de glória,
» Preço de tanto sangue, e mais virtudes.
» Um dia... — Emvão perante o excelso throno
» Do Eterno me hei prostrado ; irrevogavel
» A sentença fatal tem de cumprir-se. —
» Um dia inda virá, que envilecido,
» Esquecido na terra, envergonhado
» O nome portuguez... — Oppróbrio, mágoa,
» Dura pena de crimes! — taboa unica
» Lhe daras tu para salvar-lhe a fama
» Do naufragio. Tu só dirás aos seculos,
» Aos povos, ás nações : *Alli foi Lysia.*
» Como o encerado rôllo sôbre as aguas
» Unico leva á praia o nome, e a fama
» Do perdido baixel. * — Parte. Salvá-lo!

* Veja nota a este verso, no fim.

»Salvá-lo, em quanto é tempo!-Extincto...Infamia!
»Extincto Portugal... Oh dor!...»—Rompeu-lhe
O derradeiro accento destas vozes
Em som de pena tal, e tam tremendo,
De tam profunda mágoa, que inda agora
Nos cortados ouvidos me rimbomba.
Estremeci, olhei; ja nada vejo:
Ou accordei, ou a visão se fôra.

«Dir-vos-ei que serena a mente, e placida,
Que as ideias distinctas conservava,
Não como é d'uso ao despertar d'um sonho?
Fe me não prestareis: mas em minha alma
Tam claramente li como um reflexo
De inspiração maior que humana cousa,
Que sem hesitar mais, sem um momento
De incerto duvidar, assentei firme
No presuposto de seguir meu fado,
E ás descubertas plagas do oriente
Ir demandar essa escondida sorte,
Esse feito, essa glória promettida
De engrandecer o ninho meu paterno.

» Uma só cousa. — Confessá-lo é fôrça,
Mas que dizê-lo peije — accobardava
A tenção resoluta. Ir mar em fóra
A terras la tam longes, e deixá-la,
Deixá-la... e sem esp'ranças, nem aomenos
De inda a tornar a ver!... Sabeis quem digo;
Poupae-me a dor de proferir seu nome.
Dura, e ferida n'alma se travavão
Batalha amor, e patria. Amor vencia
Quasi... — Não triumphou... »

Aqui chegava

O contar de sua historia, quando á porta
Da cella redobrados golpes batem.
O missionario abriu; um pagem môço
De rico dó custoso ataviado,
Uma carta fexada a fio negro
De seda traz.

PAGEM.

« Um cavalleiro busco
Hontem da Indja vindo. »

MISSIONARIO.

« Hontem chegarão

Os galeões da frota ; cavalleiros
Muitos virião. »

PAGEM.

« O galeão Dom Vasco
Se diz, e o cavalleiro... Lede. »

Ajuncto

Do pagem se chegára o Lusitano
Da inesp'rada mensagem curioso.
No sobrescripto leu que assim dizia :
A Luiz de Camões — logo Escudeiro ;
Mais abaixo — *Em mão propria.*

CAMÕES.

« Entregae, pagem :
Sou esse. De quem vem ? »

PAGEM.

« De quem não manda
Mais palavra, que as lettras vos não digão. »
Corteja, e parte logo. — Que será ?

FIM DO CANTO TERCEIRO.

CANTO QUARTO.

Ja a vista pouco a pouco se desterra,
Daquelles patrios montes, que ficavão;
.....
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as mágoas la deixavão;
E ja, depois que toda se escondeo,
Não vimos mais enfim que mar, e ceo.

LUS., cant. V, est. 3.

- » Quem não receia de gemer c'o afflicto,
- » E valentia lhe sobeja n'alma
- » De supportar a mágoa, — acerba e dura
- » Sera ella — nas brenhas solitarias,
- » Sôbre a serra da Lua, entre as ruinas
- » Do deserto castello achará cousa
- » De alto valor a coração sensivel.
- » A'manha, no espirar da luz. — Incognito. »

Dizia a carta assim. — Mágoas, gemidos,
Valentia, thesouros d'alto preço!

Quem? Para quê? — Irei? Porque não? — Vamos.

A'manhan? — A'manhan : partirei hoje.

Irei, sim. Não achais que devo, amigo?»

— «Deveis, o quê?»

— «Ir.»

— «Onde?»

— «Ah! onde? A Cintra.»

— «Se pretendeis da côrte, ouvi que a Cintra

Se fôra elrei com o conselho, e cabos

Principaes do exército. E'voz pública

Que hão de ahi decidir graves projectos

D'alta valia: mas...»

— « Pouco me importa

A mim côrte, e conselho : outros motivos,

Outras razões...»

— « Embora : a Deus mão praza

Que no segredo alheio me intrometta.

Mas, pois que ides á côrte, ou perto della,

Avisado sería aproveitar-vos

Da occasião. Por bôca anda de todos

Que do joven monarcha se prepara

Nova jornada ás costas africanas.

Em bem a fade o ceo.»

— « Dizem-no ? E'certo ?

Um mancebo inexperto, unica esp'rança
Do reino, que, inda mal! ja tanto inclina
Da primeira grandeza! — Ah! confiança
Tenho que inda haverá nesse conselho
Um Portuguez, que portuguez lhe falle,
E com a respeitosa liberdade,
Que é nossa natural, e um bom rei préza. —
Preze, ou não, deve ouvi-la: e mau conselho
Dara sempre o que, ao da-lo, se arreceia
Da verdade, que diz. — E'tarde, é tarde,
Fomos, não somos ja.»

Continuárão

Em prácticas iguaes os dous amigos ;
Mas o Luso, a quem n'alma se alevantão
Ideias, que as da patria suspendêrão,
D'est'arte diz :

— « Amigo, um dever triste
Me chama, a quê não sei : cobre-o mysterio
Com veo impenetravel. Minha vida
Toda ha sido de estranhas aventuras.
Quem sabe? — pôr-lhe-á termo ésta, que ignoro.
E' de fracos temer ; mas de prudentes

Acautellar-se é lei. Meu haver unico,
Todos os meus thesouros são um livro.
Pouco valor, — nenhum tem porventura ;
Mas de longas fadigas, do trabalho
Da vida inteira é fructo. Escripto em partes
Com lagrimas ha sido, e bem podéra
Com sangue em muitas. Sôbre os calvos serros
Das montanhas, nos valles deleitosos,
No campo em tendas, na guarita em praças,
No mar entre o arruido das procellas,
Ao dos grilhões nos carceres, — contínuo,
Incessante, indefesso hei trabalhado
Para levar ao cabo a emprêsa ardida
De livro tal; — emprêsa mais que muito
Desmesurada a meu sujeito humilde.
Náufrago ja do Mecon ás ribeiras,
Onde tudo perdi, d'um braço a vida,
Nadando, ás ondas confiei revoltas,
Para no outro o levar. — Este depósito
Em vossas mãos confio. Se mais novas
Não houverdes de mim...., quem sabe? acaso
Util poderá ser á minha patria.

Ella, e o seu amor, todo o inspirárão,

A' sua glória inteiro é consagrado.»

— «Tam longa viagem, tam p'rigosa é ella?»

— «Longa não : perigosa... Eu sei? Não, certo.»

— « Quando entendeis partir ? »

— « Eu ? ésta noute. »

— « Assim, que em nada mais servir-vos posso ;

Nem ja de vossa historia interessante

Ataremos o fio ? »

— « Oh ! sim : nem longo

Será elle. »

Suspenso alguns momentos,

Como buscando, entre outras, uma ideia

No tumulto confusa, assim prosegue.

« Fallei-vos, se a turbada phantasia

Me não ingana, da tenção tomada

Por quasi inspiração—vão sonho acaso.

Com pensamentos taes sahi do templo :

Escondia-se o sol d'alem dos montes

Da outra margem do Tejo : alva, e sem lume

Parecia no azul dos ceos serenos

Infante a lua, como um arco eburneo,
Que ao numen, que nesse astro affigurárão,
Derão antigos vates. Mais sereno,
Mais bello pôr de sol jamais o hei visto.
Nos desvairados climas decorridos
Em minha incerta vida. Ao longo vinha
Da solitaria praia respirando
A fresca viração, que mal das aguas
Leve encrespava a superficie apenas:
Uma voz me chamou, — voz que em meu peito
Ouve inda o coração—voz doce, e meiga,
Que nunca mais... Oh! nunca mais na terra
Escutarei dos vivos... — volvo o rosto.
De baixa gelosia me acenava
Com um candido veo, mais nivea, e candida,
Formosa, e breve mão. Fluctuando ao vento
O veo cahiu, e a dextra desaparece.
Ergui-o palpitando: um nó o atava;
E verde fio de ligeira seda
Fexa um bilhete; abri-o, li: — «Roubado
»Foi este instante a barbaros tutores.
»Insensatos! vigia mais do que elles

- » Amor, que póde tudo. A minha glória,
» Pu-la em teu coração; minha ventura,
» Minha vida, o meu ser de ti confio.
» Parte — é fôrça partir... — Ausencia dura,
» Separação cruel só póde unir-nos.
» Sai a frota ámanhan: vai allistar-te :
» Campo no oriente a grandes feitos se abre.
» Volta com nome tal, que tudo vença.
» Eu viverei de lagrimas... — Embora.
» Matar-me-hão saudades... — Não, não hão-de.
» Ver-me-ás ainda; um anjo hontem m'ò disse
» N'um sonho tam feliz! — Era eu vestida
» De riquissimas gallas; e alva c'roa
« De rosas me toucava : tu a um lado,
« Triste—não sei por quê : outros de lutto;
» Não me admirou, que nosso amor não querem.
» E o anjo assim me disse. E mais, que um dia
» Tamanho se fara teu nome, e glória,
» Que encha o universo.—Vai: adeus!.. Terrivel,
» Amargo adeus é este... Não importa.
» Parte... e jamais te esqueças... »

Uma lagrima

Delíra o mais das letras ; — quente ainda
A senti no papel.... — Mudo, e sem vida
Horas longas fiquei parado, estatico,
No coração a carta, os olhos fitos
Na avara gelosia. Alta ia a noute ;
Agua acima passava uma falua :
Bradei, accodem, a Lisboa volto,
E ao outro dia, na mare da tarde
Da poupa d'um galeão via fugindo
O Tejo, as suas ribas deliciosas,
Depois a terra ; — alfim o ceo, e as aguas
Sós com minhas tristezas me ficárão.

» Próspero o vento foi. Por esses máres, *
Que humana geração jamais abríra,
Seguindo fomos o atrevido esteiro
Do grande Vasco. A'sestra nos ficavão
As mauritanas varzeas tam regadas
De sangue nosso. Vimos a frondosa,
Vecejante Madeira, a primogenita

* Lus., canto V, desde a est. 3, até 10.

De nossas descobertas, e a mais bella
De quantas pelo Athlantico dispersas
O generoso Henrique descobrira.
Massylia esteril, e os queimados serros,
D'onde o Sanagá negro se despenha,
Passámos, o Arsinario cabo vendo,
Que verde em seu extremo appellidámos.
Vimos tambem as Fortunadas * insulas,
E entrando as que d'Hesperio o nome tomão **,
As orientaes costas africanas
Rodeámos de Jalofo, e de Mandinga,
D'onde o curvo Gambea ao Tejo manda
As ricas pareas da luzente veia.
As Dorçadas *** passámos, que dos sylvos ****
Das viboras na areia inda retinem,
Crespas tranças outro'ra, que inflammavão
O cerulo Neptuno. Ao austro a proa,
No immenso golpho entrámos, transcorrendo
A Leoa serra asperrima, e das Palmas
O cabo, a quem tal nome havemos dado;

* Canarias. ** As do Caboverde. *** Ilha do príncipe, etc.
**** Lus., canto V. desde a est. 11, até 14.

E a ilha, que do incredulo discipulo
O appellido tomou. * Alli a fertil,
Vastissima região, que lava o Zayre, **
Ganha por nós á fé, e conquistada
Por armas só de paz. Assim transposto
O que divide o mundo, ardente término,
A' dextra nos ficava a plaga immensa
Não sonhada de antigos sabedores,
Por onde o velho mundo dilatárão
Hesperios dous, terceiro o lusitano; ***
Como se o completar tamanho feito
Fòra a humanos esforços impossivel,
Se o braço portuguez não ajudára.

» O astro novo não visto d'outra gente,
Antes que o luso nauta lh'o amostrasse,
Ja no hemyspherio novo nos brilhava.
Viamos essa parte menos bella,
Onde raras estrellas pasce o pollo :

* Ilha de S. Thomé. ** Reinos de Angolla, e Congo.

*** Colombo, Americo Vespuccio, e Pedr'alv'res Cabral. —

Alli, pesar de Juno, e de seus zelos , *
Vimos banhar nas aguas de Neptuno
As inflammadas Ūrsas. Pelos topes
Dos mastos, e no horror da tempestade,
Claro avistámos a azulada chamma
Do sancto, vivo lume. Oh! recontar-vos
As maravilhas tantas, os prodigios,
Que hei visto, longo fôra; e conhecidas
Serão ellas de vós, que os vastos máres,
Que as não sabidas plagas descubertas
Pela nobre ardidez lusitana
Corrido haveis tambem. Destas paragens
Velas démos ao noto, que soprava
Rijo, em vão, contra a fôrça descontrada
Da impetuosa corrente. Ia uma noute
Na cortadora proa vigiando,
Quando atra cerração medonha, e feia **
Nos fexa o claro ceo; amaina o vento,
E em tanta escuridão batendo as velas
Em podre calma, á pavorosa scena

* Lus., canto V, desde a est. 15, até 25. ** Lus., cant. V, desde a est. 37, até 38.

Dóbrão tremendo horror. — O mar ao longe
Dá longos, oucos brados, que rebramão,
Como se dêsse em vão n'algum rochedo.

»Eramos cerca do famoso cabo,
A que mudou boa esperança o nome,
Que primeiro lhe démos, das tormentas.
Ao pensar em tam asperas fadigas,
Tanto sangue perdido, tanta morte,
Tanto naufragio cru, desgraças tantas,
Que a dobrar esse cabo nos custárão
Para ir edificar sublime imperio,
Novo reino entre gentes tam remotas,
Se me alargava o coração no peito,
Vendo-me portuguez. E é pois tal feito
Feito d'homens?... — O vento repentino
Soprou, rasgárão-se as fexadas nuvens,
E retremeu nos máres o estampido
D'um trovão temeroso. Alheada a mente
Na magestade da procella horrisona,
E em tamanhas ideias confundida,
No ar se me affigurou troar de irada

A potestade immensa d'algum genio,
Que os cancellos do oriente alli guardasse.
Cuidei ver a grandissima estatura
De disforme gigante, a quem as chaves
Confára d'Asia o árbitro do mundo,
E que de tanta audacia portugueza,
Irritado, ao primeiro que franquear-lhe
Assim ousou seu tam passo defeso,
Da hòca negra, e pallido de colera,
Fatidico dicesse. * — « O' gente ousada,
» Mais que quantas no mundo hão commettido
» Emprêsas grandes, não te basta o mundo
» D'homens sabido para tantas guerras,
» Taes, e tam cruas, com que, tam pequenos,
» Fatigais o universo? De tam longe
» Vindes quebrar meus terminos vedados,
» A demandar em regiões ignotas
» Onde cevar essa ambição de glória,
» Essa implacavel sêde de conquistas,
» Que no inquieto peito vos referve?
» Acabareis emfim co'a emprêsa ardida;

* Lus., canto V, est. 41, até 48.

- » Sim, vencereis; mas cara a gram victoria
» Tem de custar-vos. Inimigo eterno
» Aqui em meu tremendo promontorio
» Tomar espero asperrima vingança
» De quem me descubriu. Mortes... — A morte
» Será dos males, que lhe guardo, o minimo.
» Nem da beldade as lagrimas formosas,
» Nem suspiros d'amor, nem ais carpidos
» De maternal ternura hão de amolgar-me.
» Mas não se acabará só nisto o damno :
» Antes por vossas mãos o mor castigo
» Recebereis : do imperio cimentado
» Com tanto sangue, e com virtudes tantas,
» (Breve as heis de perder) medonhos crimes,
» Devassa tyrannia, infandos vicios,
» Superstição cruel minarão cedo
» Os nobres fundamentos. Aluido
» Baqueará por terra o solio altivo,
» Que sôbre as ruinas erguereis dos povos.
» Vis descereis pelos degraus do vício
» Do throno, onde a virtude vos alçára. »
— Assim na extasiada phantasia

Um echo mysterioso me soava ;
Di-lo-ei preságio triste em ja gram parte
De seu fadar cumprido !

« Em fim dobrado *

O immenso, procelloso promontorio,
Vogámos, longo, os mares interpostos,
Que do índico lago áquem separão
As requeimadas costas Africanas.
Saudámos a dura Mossambique,
Porta do Oriente, que a Asia lusitana
Parece unir aos africanos dominios,
Por onde, desde a Europa, ás partes quatro
Se dilatou o portuguez imperio.

» Do longo navegar alfim ao termo
Desejado chegámos, nobre emporio
Do lusitano oriental dominio.
Entrámos essa altiva, e gram cidade,
Conquista do terrivel Alboquerque.
De sobresalto o coração batia-me

* Lus., canto V, desde est. 62, até o fim.

Ao pisar essas praias, que o triumpho
Virão do forte Castro. — Aqui da guerra
No duro tratto, ora ao Gentio rudo,
Ora ao perfido Mouro combatendo
Longo continuei; porém do marte
Lusitano era a sorte ja diversa :
Não glória ja, mas frivolas contendas,
Injustas oppressões nos arrancavão
A priguiçosa espada da bainha.

» Cheia a imaginação do mysterioso
Sonho, ou visão, que no moimento sacro
De Manoel me incendiára a phantasia,
Embalde aos p'rigos, ao furor das ondas,
Ao mais cru das batalhas me arrojava.
Se era meu fado a glória, mais potente
Foi que o meu fado, a inveja de inimigos,
Odios, perseguições. — Ja mal-ferido
De heiva de morte arqueija o imperio d'Asia :
Os devassos costumes, a impiedosa
Sêde de mando, a sordida cubiça
Dos ministros da lei, e até (sincero

Franco é meu discorrer, e—em mal!—bem certo.)

Dos que, indignos do altar, o altar profanão

Com sacrificios barbaros de sangue;

A um Deus só de paz, e de bondade,

Em vez de puro incenso de virtudes,

Negro vapor de pallidos cadaveres,

Suspiros da viuva, ais do orphão triste,

Lagrimas, sangue, e morte offerecendo....

Tudo, a golpes continuos, redobrados

Vai prostrando o glorioso monumento

De Alboquerque, de Castros, de Pachecos,

De Almeidas com virtude, e sangue erguido.

Qu'é dèsse esp'rito, que animava os fortes?

Qu'é dèsse vivo ardor de fama honrada,

Que faiscava em lusitanos peitos,

E a arriscadas facções, a emprêsas grandes,

A mais que humanos feitos os levava?

Extinguiu-se, acabou. Ja fomos Lusos;

Fomos: — de nossa glória o brado ingente

Breve será clamor, que longe soa,

Como voz de sepulcros esquecidos

Balda soando no porvir, que a ignora.

» Que me restava a mim, que me era dado
Em tal descahimento, em tal baixeza,
Cometter, perpetrar? — Inuteis p'rigos
Em guerras mais inuteis, cicatrizes
Mal prezadas de quem valia ignora
Do sangue desparzido em prol da patria,
Que podião valer-me? De indignado
Ergui a voz, clamei contra a vergonha,
Que o nome portuguez assim manchava,
E o d' heroes fundadores d'um imperio
Por tam bastardos netos destruido.
Em vão clamei: minhas verdades duras
Molle ouvido aos tyrannos offendêrão:
Puniu destêrro injusto a minha audacia. *

» Annos sette vaguei de terra em terra,
Ora vendo essas ilhas, ** onde aquece
Eterno fogo desusada fôrça,
Ora os deliciosos habitantes
Da malaia peninsula. — Um repouso,
Placido quanto o gosão desgraçados,

* Historico. ** Philippinas.

Encontrei na escavada penedia,
Onde na roca esteril se alevanta
Macáo, fertil agora das riquezas,
Que o manancial do tráfico lhe verte.
Alli, só com meus tristes pensamentos,
Livre aomenos dos homens, só commigo,
Co'as lembranças da patria, co'as saudades,
Que la me tinhão coração, e vida,
Se não feliz vivi, sequer tranquillo.

» Nas penhas dessa ilha abriu natura
Cava na rocha, solitaria gruta *,
Onde as nayades frias vão coitar-se
Do ardor da sesta: á entrada lhe vecejão
Recendentes arbustos, eras crespas;
E no vivo rochedo lhe entalhão
Mysteriosas mãos ignotas lettras.
Talvez em longes eras meditasse
Solitario discip'lo de Confucio
Nessa caverna as eternaes verdades
Do grande *Tien*, do deus da natureza,

* Chamada ainda hoje a Gruta de Camões.

Que ao Socrates da China se amostrára
Mais temporão, se lhes não mentem chronicas,
Que ao amante de Phedon.* — Vem quebrar-se
Perto o mar, que se espraia longo e longo,
Té se perder no extremo do horisonte.
Alli de soledade amarga, e doce
Esquecidas passei horas ditosas;
Ditosas, — se jamais fio d'areia
Na voadora ampulheta me ha corrido
Horas, que taes se chamem. — Nesse poiso
De suave tristeza me accodião
A' memoria as ideias do passado,
Magoadas co'as lembranças do presente,
De envolta com receios do futuro;
E acaso de esperança verdejava
Leve folha dos ventos assoprada.

» Patria, oh patria! — dizia — é pois um sonho
Essa visão, que por celeste a tive?
Teu nome eternizar, dar brado á fama,
Que de ti digno, digno de Natercia

* Socrates. Veja nota no fim.

As gerações pasmadas me appregoem...
Assim vos dissipais, visões de glória,
Como fumo, que se ergue da choupana
Para subir aos ceos, — que Euros dispêrsão,
Quasi punindo-o de tenções tam altas!
Que póde em pro da patria um desgraçado,
Perseguido, no exílio inmerecido?...

» Uma voz ca do íntimo do peito
Cuidei ouvir que assim me respondia :
—Póde mais do que a espada, a voz, e a penna;
Feitos de glória immortaliza o canto,
Salvão do olvido as musas. Vive a fama,
Que em versos divulgárão numerosos
Vates de Grecia, e Roma. E'menos digno
De eterno carme o peito lusitano, *
A quem Neptuno, e Marte obedecêrão,
Que essas do sabio Grego, e do Troiano
Navegações mentidas, fabulosas?
Um Nuno fero, um Egas, um dom Fuas
Não excedem os sonhos mal fingidos

Lus., cant. I, est. 3, até 12.

De Orlandos falsos, e de vãos Rugeiros?
Do incerto Eneas para si não toma
Fama, e renome aquelle Gama illustre,
Que ousado em p'rigos, e esforçado em guerras,
Mais do que permittia humana fôrça,
Cometteu, e prefiz acção tamanha?

» Na mente, como cum impeto invencivel,
Me dava abalo o altivo pensamento.
Grande é o arrôjo, desmedida a altura,
Onde me affoita de subir a ideia.
Embora, embora; seguirei meu fado.
As nymphas invoquei do Tejo ameno,
Que em mim creassem novo ingenho ardente,
Que a tam subida emprêsa se elevasse.
Empreendi, persev'rei no ousado intento;
Trabalho d'annos foi: alfim completo,
Com elle á doce patria me voltava
No benigno favor esperançado
De meus concidadãos, no de um monarcha
Prezador das virtudes, do heroismo,
Que em meus versos cantei.— Mais doce ainda,

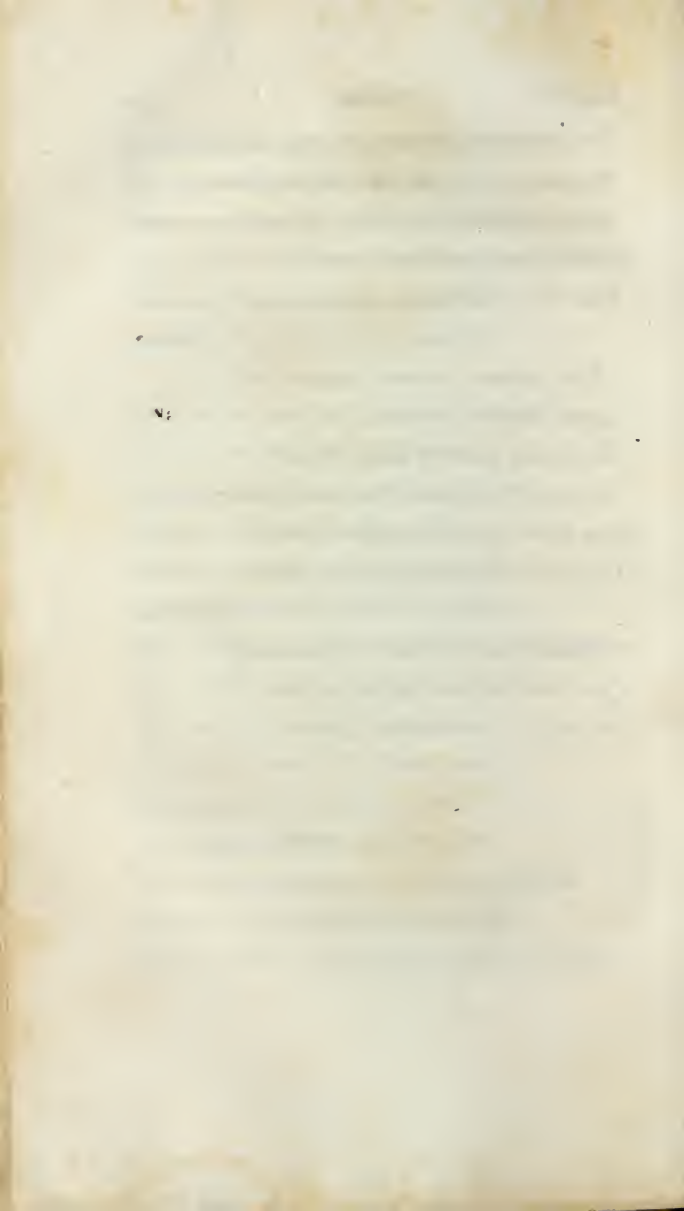
De mais subido premio outra esperança
Me alentava... Ai demim! um longo sonho
Minha existencia ha sido. — E pois que nada,
Nada ja'gora me ficou na terra...
Sem *ella*... oh! nada—que me resta?... A morte.

«Ei-lo, senhor, o livro: appresentá-lo
Cuidei outr'ora á esperançosa prole
Do grande Manoel; cuidei depo-lo
Aos pés d'outro monarcha mais potente,
Que melhor galardão podéra dar-me
Por quanto hei merecido... — Hoje.....

Suspensão

Nesta voz, som confuso, e mal formado,
Que vinha de poz ella, se disperse
Em longo, e cortadissimo suspiro.

FIM DO CANTO QUARTO.



CANTO QUINTO.

Repousa la no ceo eternamente,
E viva eu ca na terra sempre triste.

CAM., sonet.

«Correi sôbre éstas flores desbotadas,
Lagrimas tristes minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulcro as ha murchado.
Rosa d'amor, rosa purpurea, e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

«O viço de meus annos se ha murchado
Nas fadigas, no ardor sevo de Marte.
Estranhas praias, ignoradas gentes,
Barbaros cultos vi; gemi n'angústia,
Penei ao desempero, em soledade,
Vaguei sosinho á mingua, e sem confôrto
Pelos palmares, onde ruge o tygre:
Tudo soffri no alento d'uma esp'rança,

Que, no instante de ve-la, me ha fugido.
Rosa d'amor, rosa purpurea, e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

» Longe, por esse azul dos vastos máres,
Na soidão melancolica das aguas
Ouvi gemer a lamentosa Alcyone,
E com ella gemeu minha saudade.
Alta a noute, escutei o carpir funebre
Do nauta, que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes; * aos longos pios
Da ave triste ajunctei meus ais mais tristes.

» Os ventos pelas gaveas sybilárão;
Duras rajadas d'escarceo tremendo
As descosidas pranchas semeavão
Pelas cavadas ondas. Feia a morte
Nos acenou co'as roxas agonias
Maldittas da esperanza... — E eu só a via;
Eu só por entre o horror da tempestade
Via brilhar a luz da meiga estrella,

* Veja nota a este verso, no fim.

Unico norte meu. Por mar em fóra
Os duros membros negros estendia
Esse gigante, cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi, primeiro a seus amores
Corri o veo dos interpostos seculos:
Quiz-me punir do ousado sacrillegio,
Com que os segredos seus vulguei na lyra.
As íras lhe arrotei, ouvi sem medo
Os amarellos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões d'atra procella.
Vi-lhe a esqualida barba, de despeito,
Arrepelar-se, e a côr terrena, e pallida
Ao clarão dos relampagos luzir-lhe
De sanguinosa colera inflammada.
Não me aterrou, que do almejado pôrto
Me allumiava o farol de amigo lume.
Farol consolador, fanal d'esprança,
Quando na praia ja, sem luz me deixas!
Engano lisongeiro da existencia,
Que verdade cruel te ha dissipado?
Que impia mão te ceifou no ardor da sesta,
Rosa d'amor, rosa purpurea, e bella?

» Os echos das soidões, que lava o Ganges,
Das veigas, onde cresce a palma do Indo,
Repettirão teu nome: e o meigo accento
Da minha branda lyra, onde soava,
No sussuro das folhas recedentes
A filha de Cyniras murmurava.
Seus perfumados troncos, entalhados
Por minhas mãos, embalsemado pranto
Ao receber teu nome, derramavão:
A criminosa Myrha parecia
De tam virtuoso amor envergonhar-se.

» Oh gruta de Macáo, soidão querida,
Onde tam doces horas de tristeza
De saudade passei! gruta benigna,
Que escutaste meus languidos suspiros,
Que ouviste minhas queixas namoradas;
Oh fresquidão amena, oh grato asylo,
Onde me ia acoitar de acerbos mágoas,
Onde amor, onde a patria me inspirarão
Os maviosos sons, e os sons terriveis,
Que hão de affrontar os tempos, e a injustiça,

Tu guardarás no seio os meus queixumes,
Tu contarás ás porvindouras eras
Os segredos d'amor, que me escutaste,
E tu dirás a ingratos Portuguezes
Se portuguez eu fui, se amei a patria,
Se, alem della, e d'amor, por outro objecto
Meu coração bateu, luctou meu braço,
Ou modulou meu verso eternos carmes.

«Patria, patria, rival tu foste *della*!
Tu me ficaste só, não desampares
Quem por *ella*, e por ti soffreu constante,
Que por ti só agora o fio extremo
Tenue conserva da existencia afflicta.

«Ella me abandonou, ella não vive....
Linda, mimosa flor, á sombra tua,
Rasteira gramma vejetava apenas
Minha timida esp'rança. Amarelleço,
Desabrigada planta ao sôpro ardente
Do norte queimador. — Quem te ha cortado,
Quem, rainha das flóridas campinas,

Te decepou sem dó — que faz, que espera,
Que não leva também, que não arranca
A humilde hervinha, que sem ti falece ?
Rosa d'amor, rosa purpurea, e bella,
Oh ! leva-me contigo á campá fria.»

Canção, canção de morte era ésta sua,
Que em som carpido os montes repettião
Da umbrosa Cintra. Sôbre um calvo sêrro
Do mais erguido cume da montanha,
Assim cantava aos socegados ventos,
Qual moribundo cysne gorgeliando
Pelas ribas do Eurotas. — Parecia
Que manso d'entre as auras suspirava
A enternecida Ignez, vendo o seu vate,
Seu immortal cantor gemer como ella.

Elle uma sêcca enmurchecida c'roa
De myrradas boninas apertava
Sôbre o ancedo peito : a fio as lagrimas
(Embalde !) sôbre as flores ressequidas
Corrião da grinalda ; ardente o pranto

Mais lhe queimava a tez : molhada embora,
Repassada de pranto, o viço é morto
Em flor, que ornou a lousa dos sepulcros.

Nascia o sol : as nevoas, que reбуção
De humido manto os cumes das montanhas
No alvorecer do dia, em veio ligeiro
Raras se adelgaçavão ; resplendião
No socegado mar os doces raios
Da recém-nada luz. A amena veiga, *
Delicioso valle, a quem de Tempe
Cede beldade, e fama, se estendia
Pelas faldas da serra. As perfumadas
Arvores d'aureos pomos reluzentes,
Que á veloz Athalanta o pé ligeiro
Na apostada carreira reliverão,
E o tam ligado cinto desatárão ;
As verde-escuras, espinhosas plantas,
D'onde, virgineas tetas imitando,
Pende o cereo limão, — pendor não grato
No lindo pomo, a que o semelha o vate, —

* Collares.

Sòbre a relva inda fresco-rociada
Das lagrimas da Aurora, se avistavão
Pella immensa campina recolhendo
A aura creadora nas lustrosas folhas,
D'onde a vida nos troncos se derrama.
Toda se alvoroçava a natureza
A' vinda alegre dessa luz benefica,
Remoçadora eterna da existencia,
Cujas são alma, e vida do universo.

Em toda a pompa, e luxo de suas galas
Cintra, a formosa Cintra se amostrava
Ao monarcha das luzes, — qual princeza
Do Oriente ao regio noivo se appresenta,
Voluptuosos perfumes exhalando
Das longas sedas, com que brinca o Zephyro.

Oh Cintra! oh saudosissimo retiro,
Onde se esquecem mágoas, onde folga
De se olvidar no seio á natureza
Pensamento, que embala adormecido.
O sussuro das folhas, c'o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado;

Quem descansado á fresca sombra tua
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por ceos, por máres, por montanhas, prados,
Por quanto ha hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sôbre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, lavor da vida? — Oh grutas frias,
Oh gemedoras fontes, oh suspiros
De namoradas selvas, brandas veigas,
Verdes outeiros, gigantescas serras!
Não vos verei eu mais, delicias d'alma?
Troncos, onde eu cortei queridos nomes
D'amizade, e d'amor, não heide um dia
Pergunctar-vos por elles? Solettrando
Não irei pelas árvores crescidas
Os characteres, que em tenrinhas plantas
Pelas verdes cortiças lh' entalhára?
Oh! se inda eu vos verei! Se os robres duros,
Se me guardão fieis os seixos vivos

O humilde nome do esquecido vate,
Que em dias de prazer — tam breves forão!
Dias de glória ternas mãos gravátão!

Ha corações ainda, que o conservão
Esse ignorado, mal sabido nome.
Ha sim; tributo recebei em lagrimas
De inutil gratidão. — Salvae, o' Musas,
De meus escuros versos éstas linhas,
A' glória não, mas á lembrança ao menos
De algum sensível peito. — Onde não gira
Meu sangue... — E o sangue quam diverso corre
Por veias, que esquecidas não palpitão,
Desleaes! co'a memoria, mas que rara,
Do infeliz, cujo seio enfraquecido
Sangue, como esse, alenta... Onde não gira
Meu sangue — E o sangue quam diverso corrê!
Peitos achei sacrarios de amizade,
Corações d'homem.....

Cintra, amena estancia,
Throno da vecejante primavera,
Quem te não ama? Quem, se em teu recinto

Uma hora da vida lhe ha corrido,
Essa hora esquecerá? Teu nome soa
Eterno ja, nos cantos enramados
De inmorredouras flores. Mas que as aguas,
Que hoje na firme base em vão se quebrão
Do erguido promontorio, um dia infrenes,
Sòltas da voz, que disse ao mar : *Suspende-te,*
Teu limite é ali — galgá-lo ousassem,
E levar os delphins enamorados
Folgar nos sitios, onde geme a rôlla,
E philomela modulou queixumes,
Suavissimo incanto da espessura ;
Mas que prodigio tal novos trouxessem
Os seculos de Pyrha, — inda o teu nome
Não o esquecerêra transmudado o mundo.
Leva-to alem das passadouras eras
Do bardo mysterioso * o eterno canto,
A harpa sublime agora pendurada
Nos louros do Pamyso, — onde um suspiro
De morte lhe quebrou a extrema chorda,
Que Eleutheria divina lhe montára ;

* Byron's Child Harold. Pilgri. Cant. I, ou II.

Do cantor, que no alento derradeiro
Ouvirão as cidades contendoras
Pelo berço d'Homero, em canção última
De moribundo cysne, o brado ingente
Alçar da glória aos filhos accordados
De Leonidas, que dorme... Não, não dorme;
Véla, c'o escudo, e lança emtôrno roda
Da arvorezinha tenra, que plantarão
Lanças dos bravos. Lanças mil a ameação :
Resistirá? — Ou do consorcio adúltero,
Impia liga da Cruz, e do Crescente,
Nascerá monstro, que a devore, a trague,
E a queimada raiz lhe exponha ao vento
Da atra ambição dos reis? — Morrei ao menos,
Filhos d'Helléno, perecei com ella.

A vós ja volto, ó solidões de Cintra,
E ao vate, que suspira melancolico
No alto da serrania. Ultimas notas
De sua triste canção inda zumbião
Pelas azas dos placidos favonios,
Quando uma voz : — « Não é de ânimo grande

Succumbir aos revezes : gema embora
O coração ferido ; mas um prazo
Deu a razão ás lagrimas. Segui-me
Onde o dever vos chama. »

— « E quem se incumbe
De me chamar a mim aos meus deveres ?
Ousado és... Ah ! sois vós ? »

— « Sou eu, amigo ;
Cavalleiro, sou eu. Vinde ; á justiça
Porta abrimos emfim : ver-vos deseja,
E ouvir-vos o monarcha. »

— « A mim ! »

— « Podérão

Chegar ao throno as vozes da verdade.
Sabe quem sois elrei ; louvou com emphase
O amor da patria glória, que a alta emprêsa
De eternizar seu nome ha comettido,
Dando aos heroes de Lysia eterna fama.
Vinde , que á hora nona vos aguarda
Impaciente. »

— « Mas o livro?... »

— « A' còrte

Vim por elle, e por vós; commigo o trouxe.
Ha muito o conhecia: amigos vossos
Delle com grande preço me hão fallado
Em Goa, e Mossambique.»

— «E como ao ouvido

Chegou d'elrei meu ignorado nome?»
— «Sabereis tudo: dae-vos pressa; é tempo
De preparar-vos á solemne audiencia,
Que haveis do monarcha.»

Ambos descião

A ingreme serra; abordado o velho
Em seu cajado tosco, lhe dobrava
Tremulos passos caridoso empenho
Do officioso coração. Renasce
O ardor sopito no inflammado peito
Do guerreiro accordado do lethargo,
De que o desperta esperançosa a glória.

FIM DO CANTO QUINTO.

CANTO SEXTO.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.

LUS., cant. V, est. 93.

O sceptro de Manoel, nas mãos ja debeis
De Joanne * começado a desdourar-se
Do esmalte das victorias, e triumphos,
De que tanta virtude o adereçára;
O sceptro, que nas mãos d'outro Joanne **,
Que ensinou a ser reis o reis do mundo,
Fòra vara de lei, e de justiça,
Fiel de liberdade bem pesada
Na balança de pública ventura;
Ora na dextra de inexperto joven
Vergado a maus conselhos, vacillante
Por meneio imprudente, mal dirige

* D. João III. ** D. João II.

A máchina do estado, que parece
Mover-se ainda pelo antigo impulso
De melhor regedor. O astro de Lysia
Do zenith de sua glória descrevia
Curva affrontosa a miserando occaso,
Que de Alcacer nas torridas areias
Erros, crimes, traições lhe estão minando.

Reinava Sebastião. — Se ânimo nobre,
Se valentia, amor de fama, e d'honra
Bastára a fazer reis, fòra um rei esse;
Mas.... — Sebastião reinava. Mal dormido
Sòbre os avitos louros ja corrèra
A segar palmas na africana terra,
Que de nossas conquistas, e victorias
Berço fatal ha sido, e sepultura.
Do primeiro triumpho embriagado
Cuidou ja da fortuna á vária roda
Adamantino cravo haver fixado.
Armas, pelejas, e victorias sonha;
E intanto sòbre as ondas mal seguras
Voga, á lei dellas, o baixel do estado.

Em suas íras, de flagello aos povos,
Um rei conquistador lhes manda o Eterno.
A vidas mãos do leme abandonado
Validos travão, não a endereça-lo
Para o rumo perdido; mas cubiça
Treda, que os move, a syrthes, a naufragios
Desarvorada a nau presto arremessa.
Liga fatal de sangue, e de maldades
Unira os dous irmãos, que astutas manhas
Do ânimo real appoderarão.
Fanatico Luiz, Martin vaidoso *
Ambos de ouro, e de mando insaciaveis,
Hypocritas os dous, iguaes na astucia,
Entre o joven monarcha, e entre o seu povo,
Entre o chefe, e a nação ardua barreira
De impostura, e traições alevantavão.

Do Es-cu-al a onça refalsada,
Co'a raposa do astuto Va-i-no,
Os negros fios da ambição urdião,
Que por mãos de vendidos conselheiros. *

* Veja nota no fim. ** Allusão ás machinações dos Jesuitas.

Em labyrintho escuro enrevezavão
Os descuidados passos do monarcha.
Murmurava em silencio malsoffrido
Da nobreza leal o escasso resto,
Que do antigo despejo lusitano
Os francos sentimentos conservava.
Bonzos ** crueis triumphavão: basta off'renda,
No profanado altar, fogueiras, victimas,
Do oriente ao occidente, lhe affumavão
Os incenso da cubiça, e o vapor negro
De sangue, e morte, que regalla os monstros.
Em taças de ouro, com prazer de tygres,
De lagrimas de viuvras se embriagão;
E os suspiros dos orphãos desvalidos,
Como deleite de suave musica,
Os damnados ouvidos lhes affagão,

Echo antigo do nome lusitano,
Memorias de Pachecos, e Alboquerque

com Castella, contra a independencia de Portugal. *Deduc. chron. e anal.* Veja nota no fim.

** Os Jesuitas. Veja *Deduc., chr. e anal.* e outros documentos publicados no reinado do Sr. rei D. José.

Sós continhão ainda os inimigos
Do vacillante imperio. Allucinado,
Ignorante dos males, que lhe encobrem,
Crê reinar sôbre um povo affortunado
Do Tejo ao Zayre, e do Amazona ao Ganges,
O mancebo infeliz: tam vastos reinos,
Que não governa, dilatar procura.
Cego! que triste fado, em mal, o aguarda!
Que triumphos, que glórias, que esperanças,
Que sec'los de victoria, que virtudes
Não vão, n'um dia, perecer com elle!
Sorvei, areias d'Africa essas cinzas,
Bebei todo esse sangue. — As azas mortas
Exanime enrolou, cahiu por terra
O temeroso Drago, que amparára
As Quinas tanto sec'lo: então primeiro
O Leão de Pyrene o olhou sem medo.

Um só de honrada fama, inda virtuoso,
E portuguez ainda, conservava
No ânimo real leve influencia.
Aio dera o avô ao joven principe

Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres,
E em virtudes, e letras illustrados
Cavalheiros da côrte. Não se atreve,
Comquanto o desejára, o rei mancebo
A affastar de seu lado este severo
Amigo, que as verdades lhe não doura,
Nem de lisonja vil empana o lustre,
Que em suas rectas palavras pôs justiça.
Erros fataes, injustos procederes
Seus conselhos leaes hão prevenido.
Odeião-no os valídos, mas não ousão
Atacá-lo de frente; surdos minão
O favor do monarcha mal experto :
Porêm suas artes, nesse tempo ainda,
Da singela virtude de Menezes
Triumphado não tinham. — Pura ingenua,
Como a do homem de bem, era de Aleixo.
A religião sincera; detestava
A hypocrisia, o orgulho de ministros *
De um Deus, todo humildade, e singeleza,

* Allusão aos Jesuitas.

Que, sem commentadores, lhe mostravão
O Evangelho, e a razão. Poucos amigos,
Como é de ver, contava o honrado velho,
Mas dignos delle todos. Dêsse número
Era — e não muitos mais de seu estado —
O castelhano ancião, a quem o acaso
Hóspede, e confidente ao vate dera.

Sancto fervor, que á Lusitana côrte
Trouxera o venerando missionario,
Do aio real na proteção confia
Para obter o que importa a seus misteres
Nas remotas regiões, onde deixára
C'os neophytos seus alma, e cuidados.
Versado nos antigos exemplares
De Grecia, e Roma, aos canticos sublimes
De Job, e de Isaías se apprazia
De comparar, em horas descansadas,
Canções de Smyrna, e Mantua: a miudo o vírão
Sôbre os prantos de Dido verter lagrimas,
Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho. Recebendo

Em depósito um poema, de que ouvira
Fallar ja tanto, e de homem tam famoso
Por seu grande saber, talento, e arte,
A'vido o livro abriu, leu. Admirado
De ver trajar alfaias lusitanas
A's homereas bellezas, aos apuros
Das virgilianas graças, — mais ainda
De originaes, de novas formosuras
Por antigos cantores não sabidas,
— Cantores, que jamais cuidou possivel
De igualar, de exceder trabalho humano, —
Seu generoso natural ardente
Se lhe inflammou de nobre enthusiasmo :
« E obra tal, (exclamou) tamanho ingenho,
Tam nobre amor da patria, tam sublime
Ardua emprêsa, trabalho tam difficil
Não tera galardão? Quem ha mer'cido
Tanto da patria por espada, e penna,
Ingrata a patria o deixará sem premio?
Irá mendigo, e supplice implorando
A chatim mercador de ganho avaro
O humildoso favor de que lhe acceite

Tal obra, e tanta por mesquinho preço,
Que por ventura nem lhe mate a fome,
Nem lhe cubra a nudez? — Oh!... » Resoluto
Toma o bordão, caminho vai de Cintra,
A Aleixo falla, expõe-lhe o triste caso,
Maravilhas, que leu, conta e virtudes,
E assignalados feitos do homem grande,
Que em vão appouca a sorte. Almas formadas
Para a virtude, e nobres sentimentos
Facil se intendem, facil communicão
De seu ardor sagrado o íntimo fogo.

Menezes disse ao rei: « Senhor, um velho,
Um fiel servidor de tantos annos,
Que jamais vos pediu mercê nenhuma,
Hoje um simplez favor pequeno, e unico
Da bondade real — talvez justiça —
Poderá esperar? »

— « Tudo : explicae-vos.

Tudo : que pertendeis? »

— « Pouco vos peço :

Que ouçais um infeliz. »

— « Onde está elle? »

Venha ; mas seja breve : o tempo é curto,
E meus projectos... »

— « Praza a Deus que sejam
Aos Portuguezes, e ao seu rei proficuos ! »

— « Certo o serão : a glória nos aguarda
Nas africanas praias impaciente.

A mim me tarda ja de ir encontra-la,

E... Porém dom Aleixo não approva

As tenções do seu rei. »

— « Quando em conselho,
Franco ouvireis o meu ; mas fóra delle,
Real senhor, respeito, e obediencia
São os deveres unicos d' um subdito. »

— « O homem, que sois, Menezes, bem conheço ;
Amei-vos desde a infancia, e inda vos amo ;

Sois meu amigo, sei-o, e tam sincero,

Tam leal o não tenho. »

— « O ceo permitta
Que o cuideis sempre ; e que infieis não sejam...
Senhor, o desgraçado, por quem rógo,
Nada vos pede ; é Portuguez, e altivo,
Como o são Portuguezes : mas tal feito,

Tam gloriosa emprêsa em prol da patria

Cometteu, e prefez; que ja desaire

Real sería de a deixar sem premio. »

— «Que ha feito pois? De Vasco, ou de Albuquerque

As acções excedeu? »

— «Fez mais do que elles;

Immortaes os tornou. Podem um dia

Erros nossos, baloiços da fortuna

Dar cabo dessas glórias do oriente,

Dessas conquistas d'Albuquerque, Vascos;

Mas a fama das lettras não perece,

Nem a domina o fado. Tanta glória

De Portugal padrão eterno exige,

Que lhe assegure dos vaivens da sorte

O porvir sempre incerto. Que souberamos

Das façanhas de Achilles, da piedade

Do fundador primeiro dessa gente

Romana, cujo nome inda enche a terra,

Se de Virgilio, e Homero não ficassem

Mais duraveis, seguros monumentos,

Que as vencidas nações, que os altos muros

Das erguidas cidades? Confessá-lo

Nos é fôrça a nós outros cavalleiros :

Renome, e glória, bem o ganha a espada;

Mas. conservá-lo, só o póde a penna. »

— « Assim m'ò heis ensinado, e o tenho certo. »

— « Dos mais famosos principes o exemplo

Vo-lo dirá melhor. Vêde Alexandre

Chorar de inveja, não pelos triumphos

Do filho de Peleu, mas pelos cantos,

Que o immortal fizerão : vêde Augusto

Premios, favores, honras dispensando

A quem de Roma as glórias celebrava.

Valem mais do que os feitos portuguezes

Os de Gregos, Romanos? Mais victorias,

Mais tropheus, mais virtudes appresenta

Sua fallada historia? »

— « Não, amigo,

Não; e eu farei que inda maior se exalte

Pelo universo nosso heroismo, e fama. »

— « Assim appraza aos ceos! »

— « Praz, sim. Ou morte

Honrada, ou glória igual a meus passados

Ganharei eu. »

— « A glória d'um monarcha,

Nem sempre armas a dão. Diniz pacífico,
Joanne,* o justo.... »

— « Assás m'ò tendes ditto.

Voltemos ao discurso interrompido. »

De quanto ouvíra ao missionario, expõe-lhe
Breve a importancia; pinta-lhe as vantagens
De obra tal, o renome, que lhe fica,
De protector das lettras; emfim tudo
Quanto para inflammar o ânimo ardente
Do mancebo real melhor convinha.

— « Ouvi-lo quero (disse o rei) chamae-o
Da minha parte : premio tera digno
Delle, e de mim, se o que dizeis é certo. »

O virtuoso Aleixo alegre corre
Com a resposta ao empenhado amigo,
Que de taes esperanças enlevado
Por solidões, por grutas, por montanhas
Da fresca Cintra em derredor discorre,
Té que o seu protegido alfim encontra.

* D. João II.

Junctos descêrão a escabrosa serra;
E de gratos futuros embalados
A hora apprazada para a audiencia aguardão.

FIM DO CANTO SEXTO.

CANTO SEPTIMO.

..... Vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valorosos.
Em versos divulgado numerosos.

.....
E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

LUS., cant. I, est. 9, e 10.

Eu vi sôbre as cumiadas das montanhas
D'Albion suberba as tôrres elevadas
Inda feudaes memorias recordando
Dos Britões semibarbaros. Errante
Pela terra estrangeira, peregrino
Nas solidões do exilio fui sentar-me
Na barbacan ruinosa dos castellos,
A conversar co'as pedras solitarias,
E a pergunctar ás obras da mão do homem
Pelo homem, que as ergueu. Embalde o espirito
Dos romanticos sonhos procurava

Aureas ficções realisar de vates.
Emvão de Scot, e Byron invocava
Os genios mysteriosos, as aerias ,
Vagas fórmãs da virgem d'alvas roupas, *
Que as tranças d'ouro penteando ao vento,
Canta as canções dos tempos, que passárão
Ao som da harpa invisivel, que lhe tangem
Os domados espiritos, que a servem,
Como o subtil Uriel, ** por invencivel,
Incantado feitiço. — Ou mal ouvido
Foi o invocar do menestrel estranho,
Ou triste realidade dissipava
Phantasias de bardos. Nem seteiras
Me bruxuleavão namoradas côres
De bordado talim, serica banda
Por mão furtiva de gentil donzella
Deitada em hora escusa ao cavalleiro,
Que aventuras correr se vai ao oriente,
E a ganhar do infiel a terra sancta.
Nem, d'alem vallos, nos corceis armados

* Sir Walter Scot, romanc. poet. ** Shakespear theat.

Vi descidas viseiras, peitos d'aço,
Onde se espelha vacillante a lua,
Em quanto aguardão que da ameia soe
Corno do annão, que abata a erguida ponte.
Não vi quadrigas de vistosas justas
Nas praças d'armas á lançada viva
Disputar-se o collar de ouro macisso,
Premio do vencedor, por mãos bem lindas
Ao peito inda sanguento pendurado.

Nada!... Só pelos fossos intupidos
Do desfolhar do Outomno, e bronco entulho
De muros derrocados, — sôltas pedras,
E immunda terra, á vista affiguravão
Insepultos cadaveres, golpeados
Membros inda cubertos d'aço, e ferro
Dos que em contenda injusta perecêrão
Por vaidoso orgulho, ou vão capricho
Do castellão superbe. Nas ameias
Se me antolhavão horridas cabeças
Hirta a grenha, co'as carnes laceradas
Do corvo—certo amigo dos tyrannos,

Que regalado o trazem. Tristes victimas
Dos senhoreaes direitos! porventura
Mais crime não tiverão que o desejo
Do imperioso senhor, que a seus vassallos
Quiz de seu cru podêr mostrar a alçada.

Ao pé dessas janellas recortadas,
Onde inda o tempo conservou resquicios
Dos ja pintados vidros, fresta escassa
Dá luz medonha á escuridão sombria
De fetidas masmorras inda inteiras,
Mais duradouras que os salões dourados :
Como se a idade, que destruiu palacios,
Memorias de prazeres, luxos, pompas,
Catasse mais respeito a taes vestigios
De atrocidade, e crimes, — e escrevesse,
Ao passar, com a fouce enferrujada
No lumiar dessas portas — *Escarmento*
A's gerações por vir. — Doía-me alma
Na solidão das ruinas ; e a lembranças
Mais gratas me fugia o pensamento,
Para os vergeis da patria esvoaçando,

Oh! nobres paços da risonha Cintra,
Não sòbre a roca erguidos, mas poisados
Na planicie tranquilla, — que memorias
Não estais recordando saudosas
Dos bons tempos de Lysia! Nem seteiras,
Nem torreões, nem barbacans nem fossos.
E que havia mister dèsse apparato
Dado a tyrannos, que inimigos vivem
De inimigos cercados? Que soldados,
Que mercenarias hostes de Janizaros
Precisava um monarcha lusitano,
Que precedido vai por debeis canas,
Symbolo da brandura, e singeleza
De hom pastor de povos? — Sanctas eras!
Se podesseis voltar, ditosos dias!

Ato o dia, horas oito : ja ãos atrios
Girava do palacio a vária turba,
Que a audiencia do rei, ou do válido
— Quantos do mais escuro sevandija,
Que taes mansões infesta? — alli aguardão.
Acovardados uns, esperançosos

Outros se amostrão. Pertendente humilde
Timido se conchega a pobre capa,
Por que não toque as rugedoras sedas
Do cortezão suberbo. Altivo conde
Com gesto protector alli corteja
O artifice coitado, que nem ousa
Recordar-se das dividas antigas
De tammanho senhor, tam dado, e lhano,
Que tal honra lhe faz. O nedeo abbade,
Que engordou nas fadigas evangelicas,
Sem olhar, vai passando, o cura pobre,
A quem escassa congrua tanto abaixo
Na hyerarchia pôs. Que requer este?
Do real padroeiro esmolla tenue
Para uma caridosa albergaria,
Que em seu pobre passal instituira.
E o que pertende aquelle? — O episcopado,
A que tanto direito lhe conferem
Os trabalhos d'um pingue beneficio
Disfructado na côrte. — Nesta scena
Tam variada em actores, e interêsses,
Dous novos, que no gesto, e adman bem mostrão

Quanto esteiras do paço os desconhecem, *
Entravão; curioso alvo das vistas
Da turba pertendente. Um velho monge,
Um guerreiro de aspecto altivo, e nobre,
Mas de vaidade alheio. — « Vem da India
A requerer : — não trazem d'outra gente
Estas frotas de Goa. » — Abriu-se a porta :
Volvem-se os olhos todos. Qual em Delphos
Devotos peregrinos, quando os quícios
Do mysterioso lumiar se movem,
E o oraculo — terrivel, ou propício ? —
Vai por obscuros carmes explicar-se.

E' dom Aleixo : no tropel confuso,
Que se apinha d'entôrno, alguém procura.
Quem será o invejado aventureiro ?
O aio real aos dous desconhecidos
Cordeal sauda; e conversando junctos
Poucos momentos, — eis os reposteiros
Dão devido signal; menestreis tangem :

* Expressão do elegantissimo D. Franc. Man. de Mello, Guia de cas.

Elrei chega; no throno toma assento.
 Breve a audiencia foi; não sobra o tempo
 Para as sanctas funcções de magistrado
 A militares reis : * ás armas cede
 A toga mal prezada. — Audiencia é finda.

REI.

« Dom Aleixo, entre tantos pertendentes
 Não veio hoje o vosso protegido. »

D. ALEIXO.

« Ei-lo, senhor, o nobre cavalleiro,
 De quem ousei fallar-vos. »

REI.

« Sim, ouvi-lo

Quero, e desejo : não ignoro o preço
 Das boas letras; nem d' um raro ingenho
 A estima desvalio : em prol da patria
 Uns obramos co'a espada; cumpre a outros
 Co'a penna honra-la. »

CAMÕES.

« Se honra a minha penna,

* Alguns exemplos do contrario ha; mas poucos.

Real senhor, a minha amada patria,
Di-lo-ão sabedores, e lettrados.
Para servi-la espada, e braço tenho,
Que por si fallarão.»

REI.

« Digna resposta
De portuguez : honrado sois, amigo ;
Por tal vos tenho, e quero ; e abonos vejo
Em vosso rosto que voltar não usa
Da face do inimigo. — E'este (Disse,
Fallando aos cortezãos) de quantos d'Asia
Ao reino vem, primeiro, que não falla
Em suas cicatrizes. »

CAMÕES.

« Bastas erão
Senhor, as de Pacheco, e... »

REI *com aspereza.*

« Eu não ignoro
Os feitos de Pacheco. »
Olhos pasmados
De cortezãos no vate se fixárão,
Que tam crua verdade abalançava

Ousado a proferir : algum ja cuida
Que de escuro castello a tôrre o aguarda,
Ou que ao menos — Compondo um tanto o vulto,
Tornou elrei :

— « Iremos, para ouvir-vos,
Da Penha-verde á fresquidão sentar-nos.
Calmoso vai o tempo ; e ademais prazem
Dobrado entre a verdura os dons das musas. »

Seguem todos o rei ; a encosta sobem
Do monte ; e pellos bosques, onde o louro
Inda as glórias de Castro está croando,
Inda veveja co'as memorias delle, *
A real companhia vai entrando.

Estavão d'altas arvores á sombra,
De avelludada relva em fresco assento.
Curioso o joven rei attento fixa
O aspecto nobre do cantor guerreiro.
Qual devéras o imita, qual fingido ;
Mas todos se compõe a exemplo delle.

* Célebre quinta de D. João de Castro, ditta da Penha-verde, em Cintra.

O vate começou : sonoro accento,
Timido não, mas respeitoso, alonga
Solemnemente o cadencear medido
Do metro numeroso. O heroico assumpto *
Primeiro expõe do'canto ; armas, e glória
Dos barões lusitanos, que fundarão
Do oriente o imperio novo, os grandes feitos
De reis, de cidadãos de eterna fama,
Que se hão da lei da morte libertado.
Logo invocando as Tagides formosas,
Por que alto som lhe dem, e sublimado,
Um estylo grandiloquo, e corrente ;
« Dae-me — com voz mais elevada clama —
Dae-me uma furia sonora, e grande,
E não de agreste avena, ou ruda frauta,
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a còr ao gesto muda,
Um canto igual a meu erguido assumpto,
Se tam sublime preço em verso cabe »

Depois ao joven rei, segura esp'rança

* Lus., canto I.

Da lusitana, antiga liberdade,
Em versos d'amor patrio scintillantes
A ouvir cantar dos feitos portuguezes
Convida; pinta-lhe em vivazes côres
A grandeza do povo, quem preside,
A lealdade, o valor : virtude, esfôrço
De seus avós famosos recordando,
Digno exemplar de emulação lhe aponta.

Ja da tuba a Caliope travando,
Em terso stylo, e não de inchada pompa,
Mas — qual fluente, e magestoso rio
Por suas ribas magnífico se espraia —
Tal por seu grande assumpto o vate immenso.

No largo Oceano, em próspera honança
As atrevidas naus vão navegando.
Dos ceos o alto podèr sublime, e dino
A conselho as menores potestades
Sòbre tanmanha emprêsa convocava.
Cuidas ver la n'um throuo de diamante
Sentado o pae dos numes; por seus labios

Fulge o louvor da lusitana gente,
Pasma, e terror do mundo. E' seu proposito
De mor glória lhe dar no ignoto oriente.
De Nysa o vencedor zeloso impugna
A sentença do numen. Quem sustenta
A heroica Lysia? E' Venus, Venus bella
Afeiçoada a um povo, das romanas
Qualidades herdeiro, e cuja lingua
Com pouca corrupção crê que é latina;
Um povo tam zeloso de seu culto,
Tam devoto amador de seus altares.
O fado o decretou; Jove o confirma;
Abrão-se as portas do oriente aos Lusos.

Ja surgindo na treda Moçambique,
Ao fementido mouro pune o Gama
Da perfida malicia. Eis la Mombaça, *
Onde falsos Sinons a ingano o levão,
Cru exicio lhe estava preparando
Por artes do que sempre a mocidade

* Lus., canto II.

Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mães. Tu, Erycina linda,
Que a assignalada gente andas guardando,
Tu do velho Nereu co'as alvas filhas,
Pondo ao duro madeiro o brando peito,
Da cilada os salvaste. — Aqui do vate
O stylo se embrandece, spira o canto
Suavissimos perfumes de Amathunta.
Rosas de Paphos, e jasmins de Gnido
A namorada lyra lhe coroão,
Quando a bella Dione á sexta esphera
Segue enlevado. — Está pelos semblantes
Dos que o escutão debuxado o gôsto,
Que o deleitoso quadro accende n'alma.
O mimo dos pinceis tam delicados,
Não lho deu natureza, que o não tinha;
Deu-lho amor de seus cofres escondidos,
Que nem a Ticiano tam querido,
Tam gram privado seu jamais abríra.

Marmores de Praxiteles, esmeros
De Phidias, de Canova, oh! que beldades

Retratais imperfeitas! — Mas que os fados
Vos outorgassem a invejada sorte
Do venturoso Pygmalion obtida;
Quando hade o apuro do cinzel mais destro
Taes mimos igualar? Aquelle gesto,
Que as estrellás, o ceo, e o ar namora,
Aquelle affrontamento do caminho,
Que a belleza lhe aviva? Como as graças,
Os espiritos vivos, que inspiravão
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho?
Ve-la diante do padre soberano,
Como na selva do Ida se amostrára
Ao mui feliz troiano; que se a víra
Tal o que ja por vista menos bella
Vulto humano perdeu; nunca seus galgos,
Barbara lei! — o houverão devorado,
Que primeiro desejos o acabárão.

Os crespos fios d'ouro desparzidos
Pelo collo, que a neve escurecia;
Lacteas tetas, que andando lhe tremião,
Com quem amor brincava, e não se via;

As flammæ, que lhe saem d'alva petrina,
Desejos, que como eras enrolados
Pelas lisas columnas lhe trepavão ;
Quem tal expressará; quem taes bellezas
Na silice, ou painel, ou brandos versos
Pintar ja soube? — Não a viu tam bella
Graças pleitar pelo invejado pomo
O real pastor de Priamo.— Escondidos
Por delgado sendal outros incantos...
Escondidos só quanto mais accenda
E redobre o desejo, que penetra
O veo dos roxos lyrios pouco avaro.

O omnipotente padre não resiste
Aos feitiços do angelico semblante,
A'quella doce nuvem de tristeza
Com riso misturada: — Qual a dama
Em amorosos brincos maltrattada
Do incauto amante — que se ri, se aqueixa,
E se mostra entre alegre magoada.
Jove não resistiu — quem ta! podéra?
Beijo accendido á súpplica responde.

Propício o fado aos fortes navegantes
De sorrir-lhes começa. Já Melinde
Amigos braços lh'abre: já do Gama
Os lusitanos feitos recontados
Terra, e costumes são. Pasma o rei barbaro
De ouvir dos povos da soberba Europa
As remotas regiões, ignotos nomes.

Segue-se, quasi cume da cabeça *
Da Europa toda, o portuguez imperio,
Patria do esforço outr'ora, e liberdade.
Diz o pastor, que do ferrado conto
De seu cajado abate aguias romanas:
Henrique, ** o mauro jugo espedaçando,
E abrindo com sua espada triumphante
De Lysia o fundamento. Ao filho illustre ***
Cabe glória maior: de c'roas cinco
No Ourique derrubadas nova c'roa
A victoria lhe tece; e as sanctas Quinas,

* Lus., canto III. ** Conde D. Henrique. *** D. Afonso Henriques.

Por eterno brazão, dos ceos recebe.
De Egas Moniz a lealdade, e a honra
Aqui tambem refere. Olha, os filhinhos
Tenros, e a doce esposa vão descalsos
A offerecer as innocentes vidas
Pela dada palavra. — Mais se estende
Sob o primeiro Sancho o novo reino
Pelos vencidos, torridos Algarves. *
Vem outro Afonso, ** o vencedor d'Alcacer,
Do mouro pertinaz exicio extremo.
Mas do segundo Sancho a molle inercia,
De privados regida, não tolera
Nação altiva, que outro rei não soffre,
Que não for mais que todos excellente. ***
Das impotentes mãos as redeas toma
O conde bolonhez **** : á glória volvem
As armas portuguezas. Melhor sorte
Coube a Diniz pacífico monarcha,
Que ás conquistas da espada deu cultura,

* Veja nota a este verso, no fim. ** « D. Afonso II. *** Verso de Camões. Lus., cant. III, est. 93. **** D. Afonso III.

D'artes ornou, ennobreceu co'as letras,
E ás formosas campinas do Mondego
Fez do Helicon descer as aureas musas.
Claros lumes da terra, são costumes,
Constituições, e leis c'o elle florecem.

Mal obediente o valoroso filho,
Domador das suberbas castelhanas,
Do venerando pae empunha o sceptro :
Afonso, * que nos campos de Tarifa
As hostes granadiz prostrou tremendas
Com pequeno podèr. — Viçosos louros
De tammanha, e tam próspera victoria
Caso triste murchou, crueza barbara,
Que á bellissima Ignez deu morte injusta.
O proprio amor, cuja ferina sède
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
Inda ás soidosas margens do Mondego,
Juncto á fonte, que lagrimas formárão,
Verte sôbre elle desusado pranto.

* D. Afonso IV.

As nações do universo, que escutarão
As endeixas do vate, as vão cantando;
E do barbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,
Os lamentos de Ignez repette a lyra. .

Brandas nymphas do placido Mondego,
Vós, que o doce gemer, que os namorados
Ais do prazer ouvistes pela selva,
Que encubriu tanto amor, tanta ventura
Em tempos de mais dita; que escutastes
Os magoados suspiros da saudade,
Quando ausente daquelle, por quem vive,
Só, gemedora rôlla, vai carpindo
A ausencia do seu bem, do seu amado,
E aos montes, ás hervinhas ensinando
O nome que no peito escripto tinha;
Que depois memorando a morte escura,
Longo tempo das urnas crystalinas
Só lagrimas formosas derramastes,
E por memoria em fonte convertidas,
O nome lhe pusestes, que inda dura,

Dos amores de Ignez, que alli passárão;
Vós ao vate os segredos recontaste,
Os mysterios d'amor, e o pranto, as queixas
Da malfadada Castro. — A lyra anceia-lhe,
A voz carpe-se, os tons gemem tam meigos,
Mas tam cortados de uma dor tam viva,
Que é um partir-se o coração de ouvi-los.

Ausente é o sposo : solitaria vaga
Pela varzea de flores recamada,
No pensamento alheado revolvendo
Ledos inganos d'alma, suavissimas
Lembranças do passado, e mais suave,
Lisonjeira esperança do futuro.
Oh ! quando ella outra vez naquelles braços
O tornar a apertar, quando... Armas são
De cavalleiros, e corceis nitrindo
Nos atrios do palacio escuta. — E' elle,
O seu Pedro, oh ventura ! — « Esposo, esposo... »
Mas pelo ausente esposo o pae responde.
O amante não vem : juiz severo,
Pelos beijos d'amor, lhe traz castigo,

Que não merece amor, nem quando é crime.

C'os filhinhos em vão banhada em pranto
Supplice implora os barbaros. O ferro
Imbebem crus no peito crystalino;
E as vivas rosas, que das faces fogem,
Pela ferida a borbotões se esvaem.
C'os innocentes filhos abraçada
Não geme, não suspira; a beijos colhe
Uma a uma, as feições, que tanto ao vivo
As do querido amante lhe retrattão.
Ja pelos labios derradeira fuge
A última vida, o último sôpro em osculos,
Todos amor, todos ternura. Os olhos
Ja da formosa luz se extinguem... Trémula
Inda c'oa incerta mão procura os filhos,
Inda affagando imagens do seu Pedro,
Entre os amplexos maternas — « Esposo
Esposo... esposo! » balbuciando, espira.

FIM DO CANTO SEPTIMO.

CANTO OITAVO.

Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que permittia a fôrça humana.
Entre gente remota edificárão
Novo reino, que tanto sublimárão.

LUS., cant. I, est. 1.

AQUI chegava o canto : houve crestadas,
Guerreiras faces, que enrugou Mavorte,
E onde afflicção, nem dor, nem transe d'alma
Jamais colhêrão lagrima, houve dellas
De involuntarias gottas mal enchutas,
Que ais d'amor, que enthusiasmo de virtude,
Patriotismo, on glória destilárão
De olhos torvos por centos de batalhas.
Mas d'alma ao rosto vai canal aberto,
Que só intupem vicios, ou fingido
Orgulho do homem vão. Por que te escondes
Na toga consular o austero vulto,

Libertador de Roma? Já suspensas
As segures estão... Tam firme peito
Que faz, que não sustenta o rosto ao golpe?
Roma é salva... Mas elles são seus filhos;
E Bruto, o cidadão, tambem é homem.

Louvor ao vate insigne! — Pouco dizem,
Que sentem mais. O joven rei applaude
Com franco entusiasmo, e entre si pensa:
Um dia offuscarei toda essa glória,
E a mais altas canções darei assumpto.

Trazem no intanto moços de pellote,
Em ricas salvas d'ouro alto, lavradas,
— Pareas de avassallados reis do oriente —
A casquinha gullosa, e delicada,
Da selvosa Madeira arte, e renome,
Luxo de lautas mesas; amplas jarras
De louçan, transparente porçolana,
Raro producto do Chinez longinquo,
— Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reaes copas. — Alli se enchem

Ao limpido jorrar de fresca fonte
Da fria agua de Cintra, e saborosa
Mais que o liquor do Rheno, ou que as sulphureas
Lagrimas de Parthénope. * Tomarão
Refeição leve a nobre companhia,
E o vate proseguiu.

Diz de Fernando **

Os amores adulteros, e o tibio
Froixo govêrno, que indefeso o reino
Deixa ao furor imigo castelhano,
E de total destruição em p'rigo :
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

Mas do lethargo vil, em que o prostrarão, ***
A' voz de Nuno **** o Portuguez accorda :
Com palavras mais duras que elegantes
Glória bradou, e liberdade, e patria,
Nomes, que outrora em peitos lusitanos
Erão de chamma electrica scintillas,
Que lhe inflammavão corações briosos.

* Lachrymachristi. ** Lus., cant. III. *** Lus., cant. IV.
**** Nun' alvares Pereira.

Embalde o podêr todo de Castella,
Por sustentar Beatriz, feroz se ajuncta.
Joanne * por seu rei levanta o povo;
E o eleito do povo é digno delle.
Não curva a jugo estranho o collo altivo
A nação indomavel, quando livre.

Campos de Aljubarota, inda em vós soa
O echo da trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso.
Guadiana, tuas aguas, de assustadas,
Vejo-as atrás volver. — Que anjo de morte
E' esse, que discorre d'ala, em ala
Co' a fulminante espada? Jorra o sangue,
Treme a terra debaixo do s pés duros
Dos ardentes cavallos; soa o valle;
Lanças escalão; os broqueis sonoros
Estalando retinem. — «Sanctiago!»
«Sam Jorge! e ávante!» — cadaqual rebrama.
«Victoria!» A quem? — Ao Lusitano, a Nuno.

* D. João I.

Ja não cabe na Europa o ânimo grande
Dos Portuguezes : treme Africa adusta ;
E a triumphada Ceuta abre suas portas
Aos infantes magnanimos. — Mas cara
Custa a victoria : ves, o novo Regullo,
Que pelo amor da patria está passando
A vida, de senhora, feita escrava :
Fernando espira em tenebrosos carceres ;
Vive porém seu nome, e claro brilha,
Para glória da patria, e eterno oppróbrio
De principes covardes, — que hão descido
A ignorado sepulcro em leitos d'ouro.
Glorioso João, foi teu reinado
Alto comêço á lusitana glória,
Que do extremo occidente, a longes terras,
A mundos novos, máres não sabidos
Triumphante correu. — Jamais no mundo
Se viu throno real assim rodear-se
De generosa prole. Não se accoitação
Mollemente na purpura paterna
Os filhos de João, nem se crem grandes,
Em torpe occiosidade vegetando

A' sombra do diadema, que em suas frentes
Descuidadas não pésa — Henrique o grande,
O sabio Henrique, o protector philosopho
Das sciencias, que honrou; Fernando, o sancto
Martyr da patria; Pedro, o virtuoso,
Legislador, e justo; João, o austero,
Alma romana em coração de Luso;
Duarte, em fim, pacifico, e piedoso,
Que tam breve reinou. Tenro innocente
Vestiu manto real o quinto Afonso:
Nas virtudes de Pedro achou tutela
Sua idade inexperta. Ingrato, e feio
Caso digno das tórres de Bysancio
Vírão de Alfarrobeira infames plainos
Roxos do sangue das civis discordias.
Toda a tua glória, victorioso Afonso,
Esse appellido insigne, que has tomado
Ao destruidor da desleal Carthago,
Nódoa tam negra á fama te não lavão.
Teu nome, e o de teus perfidos validos
Todo o bom portuguez detesta. — Esconde,
Esconde, Afonso, a purpura sanguenta

Traz a glória immortal, que resplandece,
Dentorno ao filho teu. Se ha hi rei justo,
Rei cidadão, monarcha magistrado, *
Rei, que obbedeça á lei, que a guarde ao povo,
Que o sceptro, vara augusta de justiça,
Equilibre entre grandes e pequenos,
Puna oppressores, opprimidos erga,
Abata o orgulho vão, premeie o merito,
Busque a virtude em sotãos da humildade
Para a exaltar sôbre arrasados paços
Do crime ousado, e da suberba inutil;
Rei, que o officio ** de rei prehencha, e saiba;
João segundo o foi. Celebrem-te outros
Pelo valor, que Toro inda pregoa,
Por domadas regiões, arados máres,
Por descubertos cabos, — esperanças
De futuras riquezas, e conquistas; —
Eu só coroarei teu sacro busto
Com a civica folha inmarcessivel
Do carvalho mais nobre, e mais glorioso,

* Rei cidadão, rei homem, pae, e amigo. Ferreira.

** Mon métier de roi : diz o grande Frederico, de quem verti
ésta expressão.

Que o louro dos heroes. Sanguineas gottas
Manchão sempre a grinalda das victorias;
E o clamor da viuva, o grito do orphão
Quebra a harmonia dos clarins da fama :
Mas as bençãos d'um povo agradecido
São mellodia de suaves notas,
Que por eras e eras se prolonga
A's geraçôes por vir. Um rei como este,
Dae-lhes um rei, como João segundo ;
E esquecido o tenaz republicano
De Brutos, e Catões, ajoelha ao sceptro.

Este fez explorar d'aurora os berços
Com baldados trabalhos, — que guardava
Ao feliz Manoel o ceo tal dita.

Então reconta o sonho mysterioso
Do venerando Ganges, do rei Indo,
Que ao ditoso monarcha, ao romper d'alva,
Em visão bemfadada apparecêrão.
Diz a intentada, perigosa emprêsa, *

* Lus., cant. V.

Que ousou de cometter ; trabalhos, riscos
Na longa, e lassa via supportados ;
Mossambique, a traidora, castigada
Para escarmento, e pena ; e o temeroso ;
Namorado gigante em dura terra
Por seus atrevimentos convertido,
E, por dobradas mágoas, rodeado
De Thetys formosissima, que amára ;
Thetys, que ja cuidou de ter nos braços
Louco d'amores, unica, despida,
Quando se achou c'um arido rochedo
De horrído mato, e de espessura bráva.
Emfim chegado com ditoso auspicio
A's melindanas praias, aqui finda
O illustre Gama a narração pedida.

Ja pazes firma, e alliança amiga *
Com o africano rei ; e alfim nos máres
Indicos voga, demandando a terra,
Que desejada ja de tantos fôra. **

* Lus., cant. VI. ** Lus., cant. VII.

Consumou-se a alta emprêsa; aberto é o Ganges
Aos galeões do Tejo. Em vão comprimem
Na treda Calecut traidores ferros
Ao Gama invicto os denodados pulsos : *
Tudo vence a constancia, e nobre audacia
Do forte capitão. Co'a alegre nova
Do descuberto oriente, á meta austrina,
Outra vez comettendo os duros medos
Do mar incerto, põe a aguda proa.

Agora es sons do canto embrandecidos **
Co'as delicias de Paphos, e Amathunta,
Por namorados bosques, aguas limpidas,
Fresquidões deleitosas vão soando.

Eis ves a filha das ceruleas ondas,
A bella Venus, que repouso amigo,
Delicioso lhes traz ; ilha divina,
Onde quanto espalhou a natureza
Por máres, ceos, e terra em formosura,
Tudo ajunctou alli. Copados bosques,

* Lus., cant. VIII. ** Lus., cant. IX.

Coutos d'amena sombra; vecejantes
Relvas, onde o primor de seus matizes
Esmerou Flora, e lhas bordou mais lindas,
Que o proprio leite, onde com doces beijos
Zephyro lhe mitiga o ardor da sesta :
Murmurantes arroyos mansamente
Em seu correr de amores conversando
Co'as dryades do bosque; os rubicundos,
E dourados thesouros de Pomona.
Oh! que scena de languidos prazeres,
Que paraíso de deleite, ó Venus!

Ja do travesso filho asseteadas
As esquivas Nereydas suspirando,
Seguem a bella deusa, que promette
A suspirar tam doce, um doce premio.
Eis chegão, eis de incanto, e maravilha
Absortos pasmão; pela sombra amena
Se embrenhão, caça agreste procurando.
Mas ferida lha tinhas, Erycina,
Menos aspera ja, mais doce, e linda.
Correndo vão apôs as nymphas bellas,

Que fogem, que se escondem; mas fugindo,
Nem tudo escondem : fogem, mas tam leve
Não corre o lindo pé, que não tropece...
E cahem... Certa amor canta a victoria,
Se lhe cai sôbre a relva o fugitivo.
Oh! que famintos beijos na floresta!
E que mimoso chòro que soava!
Que affagos tam suaves!... Breve, e rapido
No seio do prazer se esvai o dia.

Harpa sublime, que n'altura soas
Das cumiadas da glória, harpa, que os hymnos
Fatidicos nos echos alongados
Do porvir ennuablado obscura tanges,
Donde só vagos sons confusos coão
Na terra, espediçados por vulgares
Orelhas d'homens; harpa mysteriosa!
Clara te ouvia o vate sublimado
Quando as notas propheticas repette
Na remontada lyra. Ouve, essa nymphá *

* Lus., cant. X.

Os porvindouros feitos, e virtudes
De heroes de Lysia no domado oriente
Ao ceo com doce voz está subindo.

Ja voadores lenhos povoando
O vasto oceano, que lhe abríra o Gama,
O senhorio dos frementes máres
Victoriosos occupão. Reis, que ousados
A orgulhosa cerviz não dão ao jugo,
Do braço provarão, que forte, e duro
Os faz render-se a elle, ou logo á morte.
O grão Pacheco, o lusitano Achilles
No passo Cambalão suberbos Nayres
Do Samorin potente desbarata.
Por vezes sette em aspera batalha
Triumpho em terra, e mar. Eia, as coroas,
Rei dos Lusos, os carros lhe prepara,
Que á patria volve com despojos cento
A humilhar a teus pes. Que vejo! é essa
A purpura, que o cinge! é esse o templo,
Onde em triumpho o conduzis, ingratos!
N'um hospital, de andrajos vis cuberto

Morre Pacheco do seu rei na côrte...

Almeida vem depois c'o nobre filho,
Que do índico oceano as aguas tinge
De sangue imigo, e seu. Atroz vingança
Corre c'o iroso pae : Dabul, Cambaia,
Enseadas de Diu, ei-lo no ferro
Destruidor vos traz exicio, e morte.
Inveja vil de perfidos válidos,
Não é tua ésta victima; seus ossos,
Não lh'os possuirás, ingrata patria.
Seu fado negro foi; mas antes elle :
Antes perder a vida ás mãos selvagens
Do rudo cafre na deserta areia,
Que á fome... á fome, e no seu patrio ninho !

Mas oh ! que luz tammanha, que abrir sinto !
Luz é de fogo, e das luzentes armas,
Com que Alboquerque vence o altivo Persa.
Rende-te, Ormuz, Gerum, Mascate, e Goa.
Tu, Malaca opulenta, em vão te assentas
La no gremio da Aurora, onde nasceste;

Em vão embebes venenosas settas
No arco certo, e os crizes refalsados
Com peçonhas mortíferas tempéras :
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos ao luso vencedor succumbem.

Medina abominabil, Meca tremem
C'o nome de Soares; as extremas
Praias de Abassia tremem. Cede a nobre
Ilha de Taprobana; hasteado impera
Luso pendão nas tórres de Columbo.

Sequeira, os dous Menezes, e tu, forte
Mascarenhas, depois vireis de glória
Colmar, a mais e mais, o patrio nome.
Pelo famoso Heitor, Sampaio vence
Frotas de Diu. Baçaim se entrega
Ao Cunha illustre. Ergue os altos muros
Sousa da insigne Diu : Castro, o forte,
O honrado, o vencedor, o triumphante,
Castro os defende. Maior nome em glória,
Em virtude, inteireza, e amor da patria

Jamais pronunciarão homens na terra.

Tagides bellas, que em meu verso humilde
Os echos reflectis da voz divina,
Das immortaes canções, que lhe inspirastes,
Não mais, não mais, que me falece o alento.
Na estenuada lyra os sons se quebrão,
Como suspiros de opprimido peito.
Diga Urania bella aos seus valídos
Que segredos lhe disse das esphas,
Da vastidão dos orbes, do mysterio
Da criação inteira : eu vate humilde,
Que só de longe respeitoso sigo
O divino cantor, não ousa a tanto.

Ja da ilha namorada o Gama invicto
Singrando vem para o seu patrio Tejo ;
E o Tejo recebeu do Indo, e Ganges
Preito rendido, e tributario feudo.

FIM DO CANTO OITAVO.

~~~~~

## CANTO NONO.

~~~~~

Mas quem pôde livrar-se porventura
Dos laços, que amor arma brandamente?

LUS., cant. III, est. 142.

Não sabia em que modo lhe mostrasse
Ao vate sublimado o rei mancebo,
Enthusiasmo, prazer, contentamento,
Que lhe inspirarão as canções divinas.
Louva a escolha do assumpto, a arte engenhosa,
Que n'um só quadro magestoso, e grande
Todos uniu da portugueza historia
Os memorandos feitos, varões dignos
De eternidade, e fama : louva o stylo
Nobre, e terso, de pompa, ou singeleza,
Qual o pede a materia ; o sacro fogo
Do patrio amor, de glória, de heroismo,

Que, d'um por um, nos versos lhe scintilla.
 De cortezãos, applaudem c'o monarcha
 Alguns ; outros sinceros congratulão
 O trovador * moderno, que descanta
 Na doce lyra o que prefaz co'a espada.
 Trasborda em júbilo a alma generosa
 De Menezes honrado. Os dous Gonsalves, **
 Peitos vis, corações á glória alheios,
 Inveja, odio secreto hão concebido
 Ao cantor dos Lusiadas : não soffre
 Vício, e ignorancia o merito, e virtudes.
 Fingem no intanto, que fingir é a arte
 Maxima de palacios.

REI.

« Folguei muito,
 Folguei de ouvir-vos : nunca tal virtude
 Em versos cri para exaltar o ânimo
 A esfôrço, e honra. Sinto que me bate
 Com mais vigor o coração no peito.
 Alma tera pequena, e bem mesquinha

* Veja nota a este verso, no fim.

** O padre Luiz Gonsalves, e Martim Gonsalves.

O portuguez, que não mover tal canto. »

Assim dizia o rei : caminho vinhão
Dos paços : despediu-se o heroico vate;
E o mancebo real :

— « Voltae a ver-me,
E vos farei mercê, como é devido. »
Entrou a côrte pelos atrios regios.

Rapido ia o sol no ceo descendo :
O guerreiro cantor volve a embrenhar-se
Pela espessura, e bosques. Não esp'ranças
De melhor sorte, não lisonjas doces
De amor proprio, mais doces quando ouvidas
De labios de monarchas ; não promessas
De merecido premio, — nada agita
O sangue do esforçado navegante.
Se ideias taes despontão, breve as sorve
Remoinho de encontrados pensamentos,
Que do anceado espirito lhe travão.

A mensagem, a carta mysteriosa

Revolve, e as circunstâncias; as palavras,
Interpetrá-las quer. — Em vão; não podem
As conjecturas mais : fôrça é do dia
Aguardar impaciente o lento ocaso.

No mais erguido cume da alta serra,
Que disserão da Lua eras antigas,
De fábrica mourisca se alevanta
Castello, hoje em ruinas derrocado.
Escassa ameia ves em pé suster-se
No escalavrado muro. Já trabucos,
Dos seculos depois vaivem mais duro
Pelas ingremes rocas dispersárão
As pedras, que talliou a mão dos homens
Outrora dessas rocas, para alça-las
Em torreões de morte : — impia fadiga,
Trabalho improbo, e duro ! A aza do tempo
Voando passa, e varre a obra do homem
De sôbre a face da esquecida terra.

Desmantelado jaz da guerra o templo ;
Outro se ergueu de paz : n'um canto, ainda

Sólido, da mura'ha fabricára
Solitario habitante dèsses ermos
Mansão tranquilla, e só. Musgosas plantas
Crescem nas fisgas do cimento antigo :
Tapeçaria de heras verdejantes
Fórra a cortina da parede bronca,
E em cahidos festões se balancea
Sòbre a entrada do lobrego retiro.

Tradição é que nomeado vate,
D'alta beldade mysterioso amante,
Entre as fragas erguèra a mansão triste,
Onde cevou de tristes pensamentos
O coração cortado de saudades.
Saudade pelas pedras entalhada
Se lia em characteres bem distinctos ;
E o nome de *Isabel*, tambem gravado
Na silice do monte, lhe responde,
Como echo das endeixas namoradas
Do cantor da soidão. — Não é fexado
Perfeito ainda o círculo completo
D'um sec'lo inteiro, que sentado vírão

O genio da montanha, alvas trajando
Roupas de nuvem, dar ouvido attento
A's canções magoadas, e suavissimas
De Bernardim saudoso, e namorado. *
Bernardim, que das musas lusitanas
Primeiro obteve a c'roa d'alvas rosas,
Comque — em seu mal — romantico alaúde
Engrinaldou para cantar amores
Doces d'alta princeza, — inda mais doces
Favores, que indiscretos revelarão
Extasis d'alma em derretidos cantos.
Fragueiros inda vivem, que de ve-lo
Se accordão pela noute andar vagando
Por os picos da serra no mais alto,
Ora ternas caricias dando ao vento,
Ora imprecando com furor as rocas,
E a miudo suavissimas cantigas
De apaixonado assumpto modulando.
Subito um dia, de bordão na dextra,
Na opa de peregrino disfarçado

* Bernardim Ribeiro. Veja nota a este verso, no fim.

Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda; em romaria aos Alpes
Parte, a levar o coração votado
A quem talvez, na purpura, suspira
Pelos andrajos do mendigo amante.
Ve-lo-á, o objecto de suspiros tantos,
De saudade tam longa, da romage
Devota; mas só ve-lo, — e adeus eterno,
E para sempre adeus... Crucis lhe vedão
Mais que esse adeus. Voltou á patria, e morre.

Este foi da poisada solitaria
O fundador, e unico vivente,
Que desde então as frias cumiadas,
E ruinas habitou da antiga tôrre.
Este era o sítio, que apprazava a carta
De incognita mensagem ao guerreiro.

Alfim no Oceano se mergulha a lampada
Do firmamento maxima. Descia,
Como um veo, a nebrina sôbre a serra;
Ja lhe toucava a frente, e ia ligeira
Pela espalda, insensivel devolvendo,

Té lhe poisar as orlas na planície.
No meditar profundo embevecido
O guerreiro, que aguarda, ha muito, a hora
Lenta da noute, não deu fe da névoa,
Que humida todo em derredor o fexa.
Despertou-o a frieza inesperada,
Que no alto das montanhas vem co'a noute.
Como no seio involto de uma nuvem
Mysteriosa se cuida; — olha d'entôrno,
Nada ve; tudo encobre a nevoa espessa.
Nada ve; mas distincta uma voz ouve.

« Cumprido é o sonho, mas quebrado o incanto :
Ainda a viste, — unica vez na terra;
Nunca mais a verás. O veio, qu'é delle?
E a trança, que ao sepulcro sonogada,
Prenda foi de ternura ? »

— « Ei-la commigo ;
Sempre commigo. Restitui-la á campa,
Quando á campa descer, a mim só cabe.
Mas quem de meus segredos sabe tanto?
Quem d'amor os mysterios, e os da morte

Penetra assim ? Do número dos vivos
E's tu ; ou do moimento ha suscitado
Podèr fatal as cinzas dos finados
Para me interrogar ? »

—«Vivo eu, sou vivo :

Conhece-me, sou eu, teu inimigo.
Teu inimigo hei sido ; e eterna a vida,
Se crus, para tormento, os ceos m'a dessem,
Toda a odiar-te, inteira a aborrecer-te
Pouca sería. Tu só m'a roubaste,
Tu de seu coração possuiste a joia :
Roubaste, que, sem ti, meu certo fôra.
Em vida te adorou ; na morte... A morte,
Quem, senão tu, á ingrata lha ha causado ?
Saudades a privárão da existencia.
Consola-me que aomenos não gosaste
Tanto amor, tanta fe, tanta belleza,
Que não mer'cias, não. Se digno della
Houve mortal ; a mim, que não a um....

— «Conde... ! »

Bradou convulso, e a mão ao ferro leva
O insoffrido guerreiro. Mas tranquillo

O rival lhe tornou : — « Sois offendido ?
 Desaffrontae-vos; ferro, e braço tendes.
 Nem vos fujo eu : porém a minha espada
 Ja mais demandará um peito, que ella...
 Sim, que ella amou. Transviou-me a paixão d'alma.
 Bebêra o sangue, que essas veias gira,
 Que nesse coração bate co'a vida :
 Mas veda-o juramento sacrosancto;
 Guarda-lo-ei. — Maior é o sacrificio,
 Que prometti, maior. »

Tira um retrato

Do seio : olhos sanguineos, arrasados
 De despeitosas lagrimas, cravava
 Na pintura ; — com impeto os affasta
 Logo, e diz :

« Cumprirei o que hei jurado.

Houve-o de suas mãos este depósito
 Nas derradeiras horas : confiada
 A um rival generoso foi a extrema
 Vontade sua : fôrça é dar-lhe inteira
 Execução, qual á minha honra cumpre.
 Ei-lo aqui, o legado precioso :

Pela mão do inimigo amor t'o entrega. »

Commovido do íntimo do peito,
Magoada vista punha no retrato,
O guerreiro, em cuja alma combatião
Paixões tam desvairadas, tam confusos
Sentimentos, e affectos, que expressa-los
Não saberia o coração, que os sente.

— « Prenda cruel d'amor, dadiva infausta...
Antes querida!... » Aqui parou cortado,
Co'as ideias, o fio das palavras.
Mas continuou depois. —

« Forçais-me, conde,
Mais que a admirar-vos: o odio, que me tendes,
Generoso rival, não me é possível
Abrir-lhe o peito, não. Odiae-me embora,
Que vos amarei eu, maugrado vosso.
O retrato... Oh! jamais não será ditto
Que em pontos de honra, e generoso brio
Fique Luiz de Camões de outrem vencido.
Guardae-o vós, senhor, guardae-o; é vosso:

A um inimigo tal amor o cede. »

Suspensos, mudos ambos se entr'olhavão
Os dous rivaes briosos, que alta próva
Assim do nobre peito heroica davão
Em magnanimo duello de virtude.
No rosto ao conde as rugas se alisavão,
Que ciosos rancores lhe frangêrão;
E bem se via que os jurados odios
Ao generoso feito se rendião:
Luctárão todavia; mas victoria
Em peito bem nascido ha sempre o brio.

— «Vencestes, cavalleiro; as armas ponho.
Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será. Meu repto é nullo;
Por vencido me dou em leal batalha;
De mim disponde.»

Avaliar o preço
De taes momentos, corações só podem
Grandes, como esses dous tinham no seio.
O guerreiro estendeu os braços. — Cai-lhe
Nos braços o brioso antagonista.

Palavras não disserão : onde ha lingua
Com proprios termos para instantes dèsses ?

Como inimigos forão, são amigos.
Junctos chorárão; junctos, esse objecto,
Que em vida os desuniu, na morte carpem.
Separárão-se alfim. — « Não deis ouvidos »
Disse o conde ao guerreiro, á despedida :
« A louvainhas tredas de palaciões,
E a promessas da côrte. Hoje estivestes
Com elrei ; grande fama heis alcançado
E favor do monarcha : mas dobradas
Serão as malquerenças d' inimigos,
Os odios da ignorancia, e vis colluios
Da inveja negra, e má. Por dom Aleixo
Entrast' a elrei ; — mal acertada porta.
Contaes c'ò desfavor dos dous preversos
Irmãos, que nos governão. Por honrado
Vos terão e virtuoso : abonos tendes
Em qualidades taes para seu odio. »

Proximo o dia não tardou no oriente :

Volve ao paço o guerreiro. Era partida
Para Lisboa a còrte. Na poisada
Cuidoso da delonga o missionario
Com ancia o aguardava : ambos caminho
Da lusitana capital se forão.

Corrêra a fama do louvor, do preço,
Que dera o rei ao sublimado canto.
Prompto se offrece quem germanas artes *
A dar-lhe vida, e propagá-lo empregue.
Doutos, e indoutos com geral applauso
Virão do novo Homero o canto insigne,
Que á patria glória monumento augusto,
Sublime erguia. Soa o brado iugente
Ja pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.

* Imprensa.

~~~~~

## CANTO DECIMO.

—————

Que exemplos a futuros escriptores!

*LUS.*, cant. *VII*, est. 82.

O Tejo o ouviu no algoso de suas grutas,  
E em despeitoso braço lhe responde.  
Gemem as nymphas, que o lidado canto  
Inspirado lhe havião; e em suas telas  
Com tristes, negras côres debuxarão  
A injúria, o crime, a ingratição tam feia,  
Que indelevel nos fastos portuguezes  
E' mancha horrenda, e vil....

Arqueija exangue,  
Definha á mingua, só, desemparado  
Dos amigos, do rei, da patria indigna,  
O cantor dos Lusiadas. — Ah! como!  
Qu' é das gratas promessas do monarcha?  
Qu' é de tanta esperança lisongeira?

Perfidia baixa, e crua, onde has pousado?  
 No coração da inveja, e da ignorancia,  
 Do fanatismo barbaro. Soárão  
 Tremendos, nos ouvidos criminosos  
 Dos dous irmãos \* hypocritas, e astutos,  
 Os livres sons do nobre patriotismo,  
 Com que a treda impostura d'impios bonzos, \*\*  
 E a tyrannia infame de valídos  
 O guerreiro cantor aseteára.  
 Nas cavernas do peito refalsado  
 Odio cego lh' entrou; os beiços roxos,  
 Aridos com a sêde da vingança,  
 Mordem convulsos. Nunca tam terrivel,  
 Nua a verdade lhe mostrou seus crimes,  
 Como na bôca dêsse vate ousado.

Vingar-se é fôrça; mas vingança horrivel,  
 De monstro concebêrão. « Sem amigos,  
 Sem protectores, pobre, sem arrimo  
 A' indigencia, á miseria ahi succumba,

\* Os dous irmãos ja mencionados Luiz, e Martim Gonsalves.

\*\* Jesuitas : veja Lus., cant. IX. est 27 a 29, e cant. X est 150.

E de sua ousadia o crime expie. »  
Assim no coração lhes falla o odio ;  
E o cumprirão assim. No honrado Aleixo,  
E no bom missionario a meditada  
Vingança começou. — Todo no appreste  
Da jornada fatal andava o ânimo  
Do malfadado moço, que em sua colera  
Rei dera o ceo ao povo lusitano.  
Só armas cura, só victorias sonha ;  
Geme intanto a nação, quasi presaga  
Do desastre, que a aguarda. Em Cintra fôra  
Resolvida afinal prompta partida,  
Que o monarcha impaciente appressurava.

De tal resolução ignaro o vate  
A Lisboa chegára; o paço busca ;  
Ninguem o attende : o virtuoso Aleixo  
Procura ; no palacio ja não vive :  
Tam livre sustentou, tam nobre, e firme  
Seu parecer contra a jornada infausta,  
Que irado Sebastião de si o aparta ;  
E triumphando da virtude a intriga,

Por traidor, e revel, ao cego joven  
Seus imigos infames o affigurão.  
Triste deixou as casas venerandas  
De seus reis, onde quasi um sec'lo o víra,  
Não coitar-se na purpura, mas dar-lhe  
Mais brilho, e honra com leaes virtudes.

Ao guerreiro cantor foi ésta nova  
Triste preságio, córte d'esperanças.  
Corre audiencias em vão; — vazio é o throno :  
Frio ministro em nome do monarcha  
Ouve indiff'rente as súplicas do povo.  
Entre a ignorada turba é confundido  
De tristes, desprezados pertendentes  
O divino Camões.....

Intanto as velas  
Ja pelo Tejo undivago branqueião;  
As phalanges de intrepidos guerreiros  
Cobrem suas longas praias. Lamentando  
Estão d'entôrno as mães, ternas esposas,  
Os filhinhos nos braços amostrando  
Aos paes, que o gesto angustiado voltão

Para os não ver, que se lhes parte alma.  
 Mas quem são esses dous, que ali sôbre a praia  
 Tam estreitos se abração? Correm lagrimas  
 Por olhos, que a vertê-las não costumão;  
 Em peitos se reprime o adeus sentido;  
 Peitos, que o não contêm.

— « Adeus!... A vida

E' mais difficil, filho, do que a morte.  
 Supportae-a; mostrae-lhes que sois homem,  
 Que sois christão: perdoae... »

— « Perdoar eu!... Nunca.

Malvados, que me roubão tal amigo!  
 Unico amparo só que me restava;  
 Que d'envolta co'a patria, co'as esp'ranças  
 D'um povo inteiro, a vil sepulcro o levão!  
 Oh! perdoar-lhes, nunca: o derradeiro  
 Accento de m<sup>as</sup> labios moribundos  
 Será de maldição sôbre essas frentes  
 Carregadas de crimes. »

— « Perdoae-lhe,

Perdoae-lhe: a affronta propria é juiz-suspeito.»

— « A minha affronta, oh! essa, eu lha perdoó.

Mas a da patria...»

— «Adeus, adeus!»

Chegava

Elrei então; signal de partir soa :  
 E o vate, e o missionario assim findarão  
 Sua triste despedida; — que mandado  
 Acompanhar a armada o monge fôra  
 Repentino, essa noute. O tredo fio  
 Descubríra o cantor da vil intriga;  
 Mas o paciente filho do Evangelho  
 Resignado se inclina á Providência,  
 E seus decretos humilhado adora.

Fôra em effeito o odio dos valídos \*  
 Que ao infeliz Camões arrebatára  
 Protectores, e amigos. Desterrado  
 Por elles o virtuoso, e nobre Aleixo,  
 Por elles enviado á certa ruina,  
 Que ao malfadado rei, á flor do exército,  
 A' patria nas areias escavárão

\* O padre Luiz Gonsalves, e Martim Gonsalves. Veja nota a este verso, no fim.



De Africa adusta, o missionario fôra.  
Ja se movem as naus; e as altas pontes  
Se erição de belligeras phalanges.  
Redobra o pranto. — Anchora sobe; antenas  
Se expandem... La te vas, e para sempre!  
Nas pandas azas dos traidores ventos,  
Independencia, liberdade, e glória.

« Que me resta j'agora? » os olhos longos  
Para a frota, que perde no horizonte,  
Comsigo o vate diz : « O que me resta  
Sôbre a terra dos vivos? Um amigo,  
Um amigo, neste arido deserto  
Da vida, me falece. Um bordão unico,  
A que me arrime na escabrosa senda,  
Me não ficou. O número está cheio  
De meus dias contados por desgraças,  
Marcados, um por um, na pedra negra  
De fado negro, e mau. Posso eu acaso  
Nos corações contar dos homens todos  
Uma só pulsação, que por mim seja?  
Posso dizer.. .. » — Gemido, que ouve perto,

O interrompeu. Era o seu Jáo, que afflicto  
O escutava. Do humilde, e pobre escravo  
O coração fiel se retalhava  
De ouvi-lo assim queixar. » Ah! se eu não fôra  
(Com os olhos, e as lagrimas dizia;  
Com os olhos, que labios o não ousão)  
« Ah! se eu não fôra um desgraçado escravo,  
Que coração que eu tinha para dar-lhe! »

Tu, generoso amo, lhe intendeste  
Seu fallar mudo, seu dizer de lagrimas.  
— « Tens razão; injustiça é grande a minha :  
— Inda tenho um amigo. »

Pausa longa

Seguiu éstas palavras, que no peito  
Ao generoso Antonio desaffogão  
O coração, que lhe apertava a mágoa;  
Nos olhos, rasos do chorar ainda,  
A alegria lhe ri por entre o pranto.  
E o amo, a quem signaes de tanto affecto  
Movem no íntimo d'alma, sente um golpe  
De balsamo cahir-lhe sôbre as chagas

Do coração lanhado : a dextra languida  
Poisa no hombro fiel, o peito encosta  
Sòbre o peito leal do amigo.... — Amigo  
Direi; amigo sim : peija-te o nome,  
Orgulho do homem vão, por dado a escravos?  
E que és tu mais? — Era de ver, e digno  
Espetaculo, aonde se cravassem  
Os olhos todos dessa raça abjecta,  
Que se diz de homens, a figura nobre  
Do guerreiro, onde toda se debuxa  
A altivez, a grandeza, a fôrça d'ânimo,  
C'um andrajoso, humilde, e pobre escravo  
Em attitude tal. Ríra-se o mundo;  
O homem de bem, de coração, chorára.

— «Oh meu amigo, oh meu Antonio» — disse,  
No remendado seio a face altiva  
Escondendo o guerreiro — «Oh! ésta noute  
Aonde, em que poisada a passaremos?

— «Meu bom senhor, um gasalhado tenho\*

\* Não me atrevi a metter Camões no hospital.

Achado ja; que bem vi eu não ieis  
Nunca mais ao mosteiro. Digno, certo,  
De vós não é; mas sabeis... »

— « Sei, amigo,  
Que só tu, neste misero universo,  
— É o sepulcro tambem — alfim me restas. »

Junctos á margem vão do Tejo andando  
A lento passo. A noute era formosa,  
Clara, e brilhante a lua. Oh! que memorias  
N'alma do vate, esse astro, a hora, o sítio  
Não suscitão amargas? Perto passa  
Daquella gelosia, aquella mesma, \*  
D'onde os doces pinhôres, d'onde a carta  
Recebêra fatal. Quam demudada,  
Quam differente está, do que a ja víra,  
Essa praia tam placida, e saudosa!  
Um platano frondoso, que hi crescia,  
Em cujo liso tronco tantas vezes  
Se encostou, aguardando a hora tardia,

\* Veja canto IV, no principio.

(Praso dado d'amor, que é tardo sempre)  
Cuja sombra em luar, pouco propício  
A amantes, o occultou de agudas vistas  
De curiosos-profanos, e inimigos;  
Ai! sêcca jaz em terra, e despojada  
De viço, e folhas a árvore querida.  
Tudo, tudo acabou, menos a mágoa,  
Menos a saudade, que o consume.

Sua pobre habitação os dous entrárão;  
E tristes horas, dias, meses passão  
Arrastados, e longos, — qual o tempo  
Para infelizes anda,— sem que a sorte  
Mais ditosos os visse, ou a amizade  
Menos unidos. — Mas a mão tremente,  
Encarquilhada, e sêcca ja sôbre elles  
Ia estendendo a pallida indigencia;  
E a fome.... a fome alfim. — Clamor pequeno,  
Que de minhas endeixas tenue soa,  
Se juncte aos brados das canções eternas,  
Com que o teu nome, generoso Antonio,  
Ja pelo mundo engrandecido echoa.

Vêde-o, vai pelas sombras caridosas  
Da noute, de vergonhas coitadora,  
De porta em porta tímido esmolando  
Os chorados seitis, com que o mesquinho,  
Escasso pão comprar. *Dae, Portuguezes,  
Dae esmola a Camões.* Eternas fiquem  
E' stas do estranho bardo \* memorandas,  
Injuriosas palavras, para sempre  
Em castigo, e escarmento, conservadas  
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

Não póde mais o coração co'a vida ;  
E lenta a morte c'o infezado sangue  
Caminho vem do peito. O espaço mede,  
Que lhe resta na arena da existencia ;  
Perto a barreira viu.... Ahi jaz o tumulto.  
Chegado é pois o dia do descanso !  
Bem vinda sejam hora de repouso.  
Com a trémula mão tenteia as chordas  
Daquella lyra, onde troou a glória,

\* M. Raynouard, na sua ode a Camões.

Onde gemeu amor, carpiu saudade,  
E a patria... — Oh! e que patria os ceos lhe derão!  
Off'rendas recebeu de hymnos celestes;  
Pela última vez as chordas fere,  
E este adeus derradeiro á patria disse,  
Cortando-lhe o alento enfraquecido  
Agora os sons, agora a voz quebrada :

« Terra da minha patria ! abre-me o seio  
Na morte ao menos. Breve espaço occupa  
O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho...  
Em que te hei desmer'cido, ó patria minha ?  
Não foi meu braço ao campo das batalhas  
Segar-te louros ? Meus sonoros hymnos  
Não voárão por ti á eternidade?  
E tu, mãe descaroavel, me ingeitaste !  
Ingrata... Oh ! não te chamarei ingrata ;  
Sou filho teu : meus ossos cobre aomenos,  
Terra da minha patria, abre-me o seio.

« Vivi : que me ficou da vida, agora  
Que baixo á sepultura ? Não remorsos,

Vergonhas não. Para a corrida senda  
Sem peijo os olhos de volver me é dado.  
E tranquillo direi : *vivi* ; — tranquillo  
Direi : *morro*. Não dormem no jazigo  
Os ossos do malvado ? Não : contínuo,  
Na inquieta campa estão rangendo  
Ao som das maldições, deixa de crimes,  
Legado impio dos maus. Eu socegado  
Na terra de meus paes heide encostar-me.....

«Ja me sinto ao lumiar da eternidade :  
Veoz que ennubla, na vida, os olhos do homem,  
Se adelgaça : rasgado, os seios me abre  
Do escondido porvir... — Oh ! qual te has feito,  
Misero Portugal ! — oh ! qual te vejo,  
Infeliz patria ! Serves tu, princeza,  
Tu, senhora dos máres !... Que tyrannos  
As aguas passão do Guadiana ? \* A morte,  
A escravidão lhes traz ferros, e sangue...  
Para quem ? Para ti, mesquinha Lysia.

\* O captiveiro castelhano dos 60 annos.



Que naus são essas, que ufanosas surcão  
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros \*  
Varrem o Oceano, que pasmado busca,  
Em vão! nas popas descobrir as Quinas.  
Em vão; da hastea da lança escalavrada  
Roto o estandarte cai dos Portuguezes.

« Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar  
Da glória lusitana.... Uma faisca,  
Esquecida a tyrannos, la scintilla: \*\*  
Mas quam debil que vens, sôpro de vida!  
Um só momento com vigor no peito  
O coração te pulsa. Exangue, inferna  
Só te ergues dêsse leito de miseria  
Para cahir, desfalecer de novo.

« Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?  
Onde, a que máres? Ja teu nome ignora  
Neptuno, que tremeu de outrora ouvi-lo.  
Suberbo Tejo, nem padrão ao menos  
Ficará de tua glória? Nem herdeiro

\* Hollandezes, etc. • Restauração de 1640.

De teu renome?... Sim : recebe-o, guarda-o,  
 Generoso Amasonas, o legado  
 De honra, de fama, e brio : não se acabe  
 A lingua, o nome portuguez na terra.  
 Prole de Lusos, peija-vos o nome  
 De Lusitanos ? Que fazeis ? Se extincto  
 O paterno casal cahir de todo,  
 Ingratos filhos, a memoria antiga  
 Não guardareis do patrio, honrado nome ?

Oh pátria! oh minha patria!...»

A voz, que affroxa,  
 Interrompêrão sons desconhecidos  
 De voz de estranho, que na estancia humilde  
 Entra do vate. — « Perdoae, se ousado  
 Entrei, senhor ; mas....»

— « Quem sois vós ? Ha inda  
 Homem no mundo, que a poisada obscura  
 D'um moribundo saiba ? »

— « Cavalleiro,  
 Desde o alvor da manhan que vos procuro :  
 De Africa hoje cheguei... »

— « Ah! perdoae-me.

Sois vós, conde? Voltastes? E que novas  
Me trazeis? »

— « Tristes novas, cavalleiro.

Ai! tristes. Desta carta, que vos trago,  
Sabereis tudo. » —

Ao vate a carta entrega :

Do missionario era, que dos carceres  
De Fez a escreve. Saudoso, e triste,  
Mas resignado, e placido, lhe manda  
Consolações, palavras de brandura,  
De alívio, e de esperança. — « Extincto é tudo  
Nesta mansão de lagrimas, e dores;  
(As lettras dizem) tudo; mas a patria  
Da eternidade, só a perde o impio.  
Deus, e a virtude restão : consolae-vos... »

« Oh! consolar-me..(exclama, e das mãos trémulas  
A epistola fatal lhe cai) Perdido  
E' tudo pois!... » No peito a voz lhe fica;  
E de tammanho golpe amortecido  
Inclina a frente, e como se passára,

Fexa languidamente os olhos tristes.  
Anciado o nobre conde se approxima  
Do leito... Ai! tarde vens, auxílio do homem.  
Os olhos turvos para o ceo levanta;  
E ja no arranco extremo: — «*Patria, ao menos,*  
*Junctos morremos...* E expirou co'a patria.

---

Onde jaz, Portuguezes, o moimento,  
Que do immortal cantor as cinzas guarda?  
Homenagem tardia lhe pagastes  
No sepulcro sequer.... Raça d'ingratos!  
Nem isso! nem um tumulo, uma pedra,  
Uma lettra singela! — A vós meu canto,  
Canto de indignação, último accento,  
Que jamais sahirá da lyra minha,  
A vós, ó povos do universo, o envio.  
Ergo-me a delatar tammanho crime,  
E eterna a voz me gelará nos labios.  
Lyra da minha patria, onde hei cantado  
O lusitano—envilecido—nome,  
Antes que neste escolho, em praia estranha,  
Quebrada te abandone, este só brado  
Alevanta final, e derradeiro:  
*Nem o humilde logar, onde repoisão  
As cinzas de Camões, conhece o Luso.*

FIM.



NOTAS.





# NOTAS.

---

## AO CANTO PRIMEIRO.

### NOTA A.

Saudade,

Mavioso nome, que tam meigo soas. . . . pag. 2.

A palavra saudade é porventura o mais doce, expressivo, e delicado termo de nossa lingua. A ideia, ou sentimento por elle representado, certo que em todos os paizes o sentem; mas que haja vocabulo especial para o designar, não o sei eu de outra nenhuma lingua, senão da portugueza. A isto allude o verso mais abaixo, quando lhe chama ignorado

Das orgulhosas bôcas dos sycambros.

O que particularmente se deve intender dos Francezes, gente orgulhosa, e presumidíssima de sua lingua tam pobre, tam mesquinha, tam apoucada. Que a denominação de Sycambros cabe justa a estes povos, bom testemunho é Boileau, que em um de seus opusculos latinos disse de si proprio :

Me natum de patre sycambro.

A causa natural dêste orgulho francez, a respeito de seu idioma, é a universalidade, que elle por toda a Europa obteve : por aqui tambem se explica o mui pouco, ou quasi nenhum estudo, que elles dos alheios fazem. Mas inexplicavel é, em verdade, o tom magistral,

e *tranchant*, com que dos auctores, e litteraturas estrangeiras ajuizão, e decidem, ignorando, as mais das vezes, a menor syllaba dos originaes.

Deixando outros de menor monta, e nota; Voltaire, que todavia sabia o seu pouco de Inglez, e em Inglaterra havia demorado, diz blasphemias quãsi incriveis quando se mette a traduzir as sublimidades de Milton, ou as originaes, e energicas altivezas de Shackspear. Iguaes barbaridades commetteu, pertendendo revelar os mysterios de Dante, e outros italianos. E que injustiças não fez elle ao nosso Camões, de cujo poema tanto disse, sem de Portuguez saber nem uma lettra, e conhecendo somente dos Lusíadas o poucachinho que era possivel ver pelo infiel, e baço reflexo de uma traducção má, e em prosa ingleza; lingua que pouco mais sabia.

Levou-me a penna mais longe do que eu queria a fallar da vaidade franceza, que sempre me foi insupportavel. De *saudade* quizera eu dizer mais alguma cousa. — Saudade, palavra, cuido eu que vem por derivação obliqua do latino *solitudo*. Obliqua digo, porque *direitamente* derivárão os nossos de *solitudo*, solidão, soidão, e depois soledade, soidade, finalmente saudade. De modo que por ésta synthese (ou pela analyse, que é óbvia) se vem a intender claramente que o verdadeiro sentido de saudade é — os sentimentos, ou pensamentos da soledade, ou solidão, ou soidão; o desejo melancolico do que se acha na solidão, ausente, isolado de objectos por quem suspira, amigos, amante, paes, filhos, etc. — E tanto por saudade se deve intender *este desejo do ausente, e solita-*

rio, que os Latinos, á míngua de mais proprio termo, o expressavão pelo seu *desiderium* :

Quis *desiderio* sit pudor aut modus  
 Tam chari capitis? —

Ja daqui mesmo se ve a insufficiencia do termo *desiderium* para vivamente pintar a ideia do poeta; mas para melhor se ver a falta absoluta, que de tal vocabulo padecem as outras linguas, basta comparar as versões, que desta sublime ode de Horacio fizerão os diversos traductores.

Nenhum livro aqui tenho de meu, nem onde refrescar memorias do que li, nem para adquiri-las do que não sei : por isso, e por que não tenho a feliz reminiscencia de Manoel Maria, nem o memorião do padre Macedo, não posso citar o que n'outro tempo observei nos logares parallelos de Francis, e Daru, os dous mais nomeados traductores do lyrico romano. Tambem me não lembra se o nosso Filinto — que porventura entre todos os poetas conhecidos melhor intendeu, e profundou Horacio, como aquelle que melhor o imitou — verteu ésta ode, e como a verteu. Parece-me que A. R. dos Sanctos usou do termo saudade na sua — fôrça é dizê-lo — insipida versão. Mas o certo é que das linguas, que sei, em nenhuma conheço palavra, com que se a ideia, e expressão (com quanto insufficiente á ideia) de Horacio possa trasladar, se não for a saudade portugueza, que lhe é superior. *O regret* dos Francezes, alem de differente cousa, mais para a augústia do reinorso, ou para o pesadume da amargura, que para a suavissima pena, terno,

e mavioso sentimento da saudade, se inclina. E ainda quê, segundo a observação de Girard, *regretter*, para distincção de *plaindre*, se diga das cousas ausentes; todavia nos mesmos Synonimos de Girard se verá quanto accérto em arredar-lhe a significação para longe da nossa saudade.

Quizera eu tambem ver como se traduziria, a não ser em Portuguez, aquelle tam bello, e delicadissimamente voluptuoso pensamento de Catullo, ao pardalinho da sua Lesbia :

Quum *desiderio* meo nitenti,  
Nescio quid carum lubet jocarì,  
Et solatiollum sui doloris.

. . . . .

Quando *saudades* minhas a angustião,  
E acha não sei que gôso no folguedo,  
Pequeno alívio para a dor que a punge.

#### NOTA B.

Que pardas rôllas gemedoras tirão. . . . pag. 3.

Vali-me do exemplo de muito boa gente para personalizar, e deificar assim affectos d'alma. Antiquissimo deus é o amor, a amizade, ainda a íra, a tristeza, a alegria; porque o não será tambem saudade? Beatifico-a eu, que neste caso me tenho por tam bom p-pa, como os meus predecessores, e principalmente gregos,

Que aviavão divindades,

Qual nós paternidades. — (F. ELYS.)

Montárão de pavões o carro da suberba Juno, de

borbuletas o do inconstante Cupido, de pombas o da amorosa Venus; quem puchará o da terna Saudade, se não forem as meigas, constantes, e gemedoras rôllas?

## NOTA C.

Livres corramos sobre as ondas livres. . . pag. 3.

Assim lord Byron no princípio de seu inimitavel poema, o Corsario :

O'er the glad waters of the dark blue sea  
Our thoughts as unbounded as our souls are free.

## NOTA D.

Vivem á sombra d'arvore sagrada  
De abençoada independencia a vida. . . pag. 4.

Viver a vida não é redundancia viciosa, mas elegante figura de nossa linguagem. Entre muitos exemplos dos melhores classicos, especialmente me lembra este do castissimo Ferreira, na Castro :

Que vida felicissima aque vive  
O pobre lavrador !.... —

## NOTA E.

O extremo promontorio,  
Que dos montes de Cynthia se projecta. . . pag. 6.

A roca, ou Cabo-da-roca, ponta extrema da serra de Cintra, a que os antigos chamárão serra da lua. Veja D. N. do Leão, descrip. de Portug.

## NOTA F.

Gesto, onde o som da bellicosa tuba

Jamais a côr mudou. . . pag. 7.

Inverti naquelles versos a ideia de Camões :

Mas de tuba sonora, e bellicosa,

Que o peito accende, e a côr ao gesto muda ;

não no contrario sentido, mas em outro differente. Camões falla do tremendo som do clarim, no principio da batalha, que muda a côr do rôsto aos combatentes; eu quiz expressar a serenidade do gesto de um guerreiro veterano, a quem ja nem esse tremendo som póde fazer enfiar.

## NOTA G.

A's feições nobres do gentil guerreiro. . . pag. 7.

Não era Camões um homem formoso, mas gentil, e nobre de feições, a não mentirem as descripções dos biographos, e o retrato de Severim de Faria. Alem disso a palavra gentil nem sempre se refere ás qualidades do corpo, e semblante. Os inglezes ainda hoje a usão para expressar attributos moraes; e entre nós, só de modernos tempos tem ella outra significação. Gentil homem não quer dizer homem bello; *gentileza de uma acção*, *gentileza de proceder*, claro não são expressões, que tenham nada com o corpo, ou suas perfeições.

## NOTA H.

Ja na terra,

Que a ôlho se avizinha. . . , etc. pag. 8.

Estes versos não podem ser intelligiveis para quem nunca embarcasse; nem, se nelles ha alguma verdade de pintura, lha poderá achar quem ignora o prazer inexplicavel, que sentem olhos cansados da monotonia dos ceos, e das aguas, quando ao cabo de longa viagem, se repoisão pela primeira vez no delicioso espectaculo da terra, que pouco a pouco se avizinha.

## NOTA I.

« Piloto! » gritão, e a um signal de bórdo. . . pag. 9.

E' de ver no riquissimo poema de Byron, o Child Harold, a descripção da entrada de Lisboa, etc. O leitor portuguez encontrará ali cousa, que não é muito para lisonjear o amor proprio nacional; mas tenha paciencia, que assim não é muito grande a injustiça do nobre lord.

## NOTA K.

Do homem, que é mau do berço á sepultura. . . pag. 11.

Não quiz, certo, enunciar a doutrina dos Hobesianos, que não sou tam mysanthropo, como isso; nem creio eu que os homens sejam máis por natureza. Maus são, e por maus os tenho: mas fructo de habitos ruins, e depravação, que os degenerou; não que das mãos do Creador sahisses as bêstas ferozes, traidoras, refalsadas, e vis, que cobrem a superficie da terra.

## NOTA L.

« A'fe que não » : gritou c'ò accento honrado. . . pag. 12.

Bofé, e A'fe são interjeições portuguezissimas ambas,



que valem : *por certo, por vida minha*; e são abreviatura de : *á fe de quem sou*. — Bofé pôde acaso ser taxado de antiquada, e não o usarei eu em escriptura séria; mas afé, não.

## NOTA M.

Intervir na disputa mal ferida. . . pag. 15.

O adverbio *mal*, quando anteposto a *ferido*, em legitimo Portuguez, augmenta, que não diminue a fôrça do participio. Um homem *mal-ferido* é um homem gravemente ferido. Mas *ferido* nem sempre vem na significação natural; amiudo se toma em sentido translato; pois dizem nossos bons escriptores : batalha mal ferida, por batalha mui travada, e renhida, etc.

## NOTA N.

Rico de affrontamentos, e trabalhos. . . pag. 16.

O affrontamento é o effeito do nimio trabalho; e o trabalho a causa do affrontamento, ou cansasso. Nisto se distinguem : porém advirta-se que o uso vulgar de affronta, e derivados, por *injúria*, insulto, ou pena, e afflicção, que dellas resulta, é um sentido figurado, e translato, que não o proprio da palavra. Um homem affrontado é um homem excessivamente cansado de qualquer fadiga, e tambem afflicto de qualquer agravo. Mas *affrontamento* sempre se toma na accepção natural; *affrontoso*, ao contrário, nunca vem no discurso, senão no sentido de grandemente injurioso,



deshonrador, e infamante. Morte affrontosa, castigo affrontoso, disserão os nossos auctores.

## NOTA O.

Vinha do longe oriente á occidua praia. . . pag. 16.

Longe, adjectivo, por longinquo, e não adverbio. —

## NOTA P.

E o meu logar lhe cederei com gôsto. . . pag. 18.

Está-me a bailar nos bicos da penna, que fôrça é sacudi-lo, aquelle versinho de Fillinto :

Que o fizesse alguém hoje !

## NOTA Q.

Poucos pardaús contem — menos me ficão. . . pag. 19.

Moeda da India, que o commércio, e conquista fez corrente em Portugal, e que de companhia com outros *mimos indianos*,

*Vierão* fazer-lhe os damnos,

Que Capua fez a Annibál.

O bom Sa-Miranda, que ja disto se queixava naquelles versos, em outra parte dá testemunho da muita abundancia, com que ésta moeda circulava no reino, e até pelas mais certaneijas commarcas :

Eu ja vi correr pardaús

Por Cabeceiras-de-Basto...

## NOTA R.

Quando no berço teu, bardo sublime. . . pag. 21.

Em Warwickshire, patria de Shackespear, que na ci-

dade de Warwick nasceu, passei eu á volta de seis meses, não os mais satisfeitos, mas os mais socegados, e por ventura os mais felizes de minha vida. Seja-me permittido assellar aqui os leaes sentimentos da minha estima, e saudade a uma familia verdadeiramente respeitavel, e *ingleza*, em cujo seio achei o que nem no meu sangue encontrei, verdadeira, e desinteressada amizade. Se algum dia chegarem éstas insignificantes folhas á abençoada, e tranquilla pousada de Edgbaston, conheção os meus amigos H — ys que não ha um só pensamento no meu espirito, em que se não misture a sua memoria, mais sagrada para mim que a de todos os vinculos, que se dizem formados pela natureza.....

## NOTA S.

E ess' outro? — Deu-lhe o ser matrona do Ebro. *pag. 26.*

A ideia dêste missionario castelhano não é inteiramente de iuvenção, antes tem um fundamento historico, e mui plausivel. Veja o que a este respeito diz o Sr. D. J.-M. de Souza na sua edição dos Lus. quando falla de um Fray Josep Indio, proprietario, que foi, do famoso exemplar de lord Holland.

## AO CANTO SEGUNDO.

## NOTA A.

Que agudos huiuos desgrenhadas gritão. . . *pag. 31.*

As carpeideiras, mulheres, cujo officio era preceder os cadaveres nos sahimentos, levantando sentidos

prantos, arrepelando-se, e fazendo outros varios tregeitos, que naquelle tempo erão de uso, e a lamoda. Este costume antiquissimo nos veio dos Romanos, ou mais de longe ainda. Provincias ha inda na Europa, onde subsiste todavia.

## NOTA B.

De escuro vaso, e longo dó vestidos. . . pag. 31.

Que estofos estes fossem de vaso, e dó, ou lucto, e vaso, que é o mesmo, não é facil dizer hoje acerto. Conjecturo que *vaso* seria porventura o que agora chamamos fumo, raro, e *vasado* tecido, emblema de tristeza, e lucto, que se traz no chapeo, e espada, e que tambem no chapeo antigamente se trazia, mas tam comprido, e arrastado, que descia dos talaes, como ainda agora se observa nos funeraes dos nossos reis, etc. Não sei em que se possa fundar o auctor do Elucidario para dizer que *vaso* era um capello.

## NOTA C.

Clarão triste de mortos. . . pag. 32.

E' phrase ésta mui conmmum entre nós, mas que não deixa por isso de ser poetica, e nobre, como o são grande parte dos modos de dizer familiares. Convem muito distinguir o que é *familiar* n'uma lingua, do que só é *vulgar*: aquelle é quasi sempre figurado, e sublime; este rasteiro, e muitas vezes vicioso. As figuras da dicção tocão mui deperto com os defeitos; e é mister bom criterio, e uso dos mestres para não confundir uns com outras, e estremar os tropos dos

solecismos. — Luz de mortos dizemos de uma luz baça, e que tristemente acclara, como a tocha funebre á roda da eça, ou na procissão do enterramento.

#### NOTA D.

Ruim agouro! um sahimento funebre. . . pag. 32.

Funeral, entêrro, sahimento, enterramento são palavras synonymas, i. e. são termos, cuja significação, e uso no discurso, em mais ou menos, se aproxima, não que seja identicamente a mesma. Vocabulos ha, que em sua raiz, derivação, ( e essencia, para assim dizer ) tem acaso o mesmo valor; mas que pelas regras do uso — Distingamos o uso classico do abuso de tarellos, e ignorantes: — se classificárão em gradações, e modificações distinctas. Fôrça é tambem dizer que os nossos quinhentistas nem sempre são infallivel norma neste ponto, e de seguir-se ás cegas. Ésta deficiencia dos classicos, a notou ja o Sr. bispo titular de Coimbra, S. Luiz, no seu — em mal, tam acanhado — ensaio de Synonimos. A' philosophia de nossos tempos, que tem acclarado as mais remotas provincias da litteratura, e sciencias, a ella só é possivel o dar fio a este labyrintho, e mondar com regra, e ordem as incultas devezas das linguas, que sem ella se formárão, crescêrão, e com todas as qualidades para a obterem, carecem comtado de perfeição. Não é minha opinião que vamos nós, que fallamos uma linguagem solemne, rica, e sonora, decepá-la, recortá-la, cercear-lhe o viço, e primor de suas folhas, e flores, para a pôr nu, e descarnado esqueleto, como a franceza; ja não digo ingerir-lhe

tanto vocabulo peregrino, como a ingleza, que fique ella recozida manta de retalhos, bellos de per si, mas de estropeada, e feia symethria, quando vistos junctos. Não penso tal por minha vida; mas direi sempre que sem um bom dictionario de synonymos, e outro de origens, ou ethymologico, nunca chegaremos a fallar uma lingua perfeita, e de nação civilizada. Quem se occupará disso? A academia, que ficou no *azzurrar*, em o primeiro, e ponderoso volume de seu vocabulario?

As palavras notadas parece-me que se podem distinguir assim synonymicamente. *Sahimento* é a procissão, que conduz o cadaver (o que em Francez se diz *convoy*); mas o *restante*, ou *antecedente* da cerimonia do funeral ja se não póde chamar sahimento. *Entérro* é mais lato, e comprehende, ainda alem da procissão, as outras partes do funeral? *Enterramento* é a propria, e privativa acção de *dar á terra* o cadaver. *Funeral* é o termo generico, em que todos estes, e ainda mais, como especies, se comprehendem. Digo ainda mais, por que, *exequias*, por ex., são funeral tambem, e nada tem com o entérro, sahimento, etc. Assim aquellas quatro palavras parecidas no sentido, e escriptura, e todas da mesma familia, tem comtudo entre si certas differenças, que, sendo matiz imperceptivel para o illiterato, são notaveis distincções para o que falla, e escreve com exacção a sua lingua.

## NOTA E.

Os viajantes no templo, quando o choro. . . pag. 36 .

Diz-se, por ahi em Portuguez, *viageiro*, ou *viajor*, ou

*viajante*, ou *viandante*, indistinctamente : mas é mister distinguir estes vocabulos, porque ha entre elles distinctas linhas de separação. *Viajor*, que é abonado por Arraes, tam sómente se póde dizer da pessoa do que viaja; pois é da indole da nossa lingua que os substantivos, e adjectivos em *or*, formados dos verbos, sejam personalissimos : desta sorte *amador* só se póde dizer da pessoa, que ama, quando *amante* não é tam restricto. Dizemos um homem *amador*, assim como um homem *amante*; mas, podendo dizer coração *amante*, pensamento, expressão, ideia *amante*, nunca dizemos, coração *amador*, ideia *amadora*, etc. Assim *viajor* é stricta, e unicamente a pessoa, que *viaja*; *viajante* não só a pessoa, mas tambem, qualidades, circumstâncias do que *viaja*. Mas *viageiro*, pelo contrário, é impessoal, e só se refere a cousas, attributos. Trabalhos, incommodos *viageiros*, nunca *viajantes*, ou *viajores*, se dizem. Agora *viandante*, que á letra quer dizer andador de caminho, tambem é pessoal; mas distingue-se de todos aquelles, em que somente se póde dizer do que *viaja* por terra. O *marinheiro*, o *navegante* são *viajantes*, mas nunca *viandantes*. O *viajante* corre terras, e máres; o *viandante* não passa da terra, nem troca as fadigas da estrada pelos perigos das ondas.

## NOTA F.

Sobre o cadaver... ergue o veo... « Natércia! »... pag. 44.

D. Catherina de Atayde, de quem sempre fallou Camões, nos seus versos, com este anagramma.

## AO CANTO TERCEIRO.

## NOTA A.

Pranchas de escuro til, rudo lavradas. . . pag. 46.

Madeira escura, e de pouco pulimento, que naquelle tempo muito se usava em os nossos edificios. Vem-se ainda restos em casas antigas.

## NOTA B.

De Perugino, ou Vasco, á infancia d'arte. . . pag. 46.

Perugino floreceu na Italia á volta do sec. XV, infancia da pintura; Vasco, ditto o gram Vasco, pelo mesmo tempo em Portugal.

## NOTA C.

Do castelhano cenobita o hóspede. . . pag. 49.

Nem uma só vez se achará em nossos escriptores a palavra hespanhol designando exclusivamente o habitante da Peninsula, não portuguez. Em quanto Castella esteve separada de Aragão, e ja muito depois de unida a Leão, etc., nós, e as outras nações das Hespanhas, Aragonezes, Granadiz, Castelhanos, Portuguezes, e todos, eramos por estranhos, e domesticos communmente chamados *hespanhoes*; assim como ainda hoje chamamos alemão indistinctamente ao Prussiano, Saxonio, Hãnoveriano, Austriaco: assim como o Napolitano, e o Milanez, o Veneziano, e o Piemontez indiscriminadamente recebem o nome de italianos. A fatal perda da nossa independencia política depois da



batalha de Alcacerquivir, deu o titulo de reis das Hespanhas aos de Castella e Aragão; que conservarão ainda depois da gloriosa restauração de 1640. Mas Hespanhoes somos, de Hespanhoes nos devemos prezar : Castelhanos nunca. E que vis que são esses sonhadores de infames *reuniões!*....

## NOTA D.

Ao vingativo conde. . . *pag. 58.*

O 1º Conde da Castanheira, D. Antonio de Atayde, grande valido delrei D. João III. Veja o que a este propósito diz o Sr. D. J. M. de Souza na sua mágnifica edic. dos Lus. vida de Camões.

## NOTA E.

Dêsse pac venerando, esse Fabricio. . . *pag. 60.*

D. João de Castro. Veja, para intelligencia dos versos antecedentes, e subseqüentes, a Jac. Fre. d'Andrada.

## NOTA F.

Doz pinccis de Campello se pascião. . . *pag. 62.*

Quadros de Campello, célebre pintor portuguez, que ornão — ou ornárão — o convento de Belem.

## NOTA G.

Como o encerado rôllo sôbre as aguas. . . *pag. 65.*

Sucedeu mais de uma vez que soçobrando galeões, que vinhão da India, lançava o capitão ao mar um rôllo encerado, e bem fexado de folha de flandes, em que incluía o nome do navio, dia, e anno em que se



perdêra, para que, levado acaso a alguma praia, se soubesse o último fim daquelle galeão. Veja. Hist. trag. mar.

## NOTA H.

Uma carta fexada a fio negro. . . pag. 67.

Era este o modo de fexar as cartas naquelle tempo, e o foi ainda muito depois.

## NOTA I.

Corteja, e parte logo. — Que será? . . . pag. 68.

E' um verso agudo, e muito accintemente agudo, para mais avivar a suspensão, e quebra de ideias, que a acompanha. Critiquem, senhores Elmanistas, que me rio eu.

## AO CANTO QUARTO.

## NOTA A.

Hesperios dous, terceiro o lusitano. . . pag. 78.

O caso não é' ainda muito corrente. Os biographos de Colomb convem que da viuva do nosso célebre Perestrello houvera elle em Lisboa cartas, roteiros, e apontamentos que o dirigirão nas suas descobertas: além disso, Pedr'alv'res Cabral, não se guiou por nenhuma esteira de Colomb; mas um feliz acaso o levou ao Brazil; e ainda assim, mais fez do que Americo Vesputio, que nada descobriu. O lugar não é proprio; porém magôa que não haja ahí um portuguez, que revendique

as usurpações, que todos os dias nos fazem estranhos, e releve mais claramente o que já apontou o nosso Barros, a este respeito.

## NOTA B.

No ar se me affigurou troar de irada... pag. 80.

Parece-me muito possível que realmente a vista daquelle immenso, e terrivel promontorio suscitasse a Camões a ideia mágnifica da sua metamorphose; e não sei eu se a houvera elle concebido, se de Portugal não sahíra.

## NOTA C.

Que ao Socrates da China se amostrára

Mais temporão, se lhes não mentem chronicas... pag. 88.

As chronicas dos Chins reduzem toda a nossa chronologia a cousa nenhuma; e se fossem verdadeiras, não sei como seria. Confucio não é inferior em bondade de moral a Socrates; e quando os amores de Phedon fossem tam platonicos, como o quer Meldenson, ainda assim mesmo não seria o grego superior ao chin.

## AO CANTO QUINTO.

## NOTA A.

Alta a noute, escutei o carpir funebre

Do nauta. . . pag. 94.

Encontrão-se no alto mar umas avesinhas, que de noute dão sentidissimos, e longos pios, ás quaes os

marinheiros dão o nome de *almas-de-mestre*, crendo supersticiosamente que são as almas dos *mestres*, ou capitães de navios, que se perdêrão, e que andão naquelle fadario de pios, em quanto seu corpo não chega a terra, e obtem sepultura.

## NOTA B.

Do bardo mysterioso o eterno canto... pag. 103.

Lord Byron, que em seu extraordinario, inimitavel poema, o Child Harold, falla de Cintra com o enthusiasmo, que as bellezas da natureza excitão em genios, como o delle. Este grande poeta, o maior do seculo presente acabava de expirar na Grecia, onde o levára a nobreza de seus sentimentos, quando se isto escrevia; e á sua morte alludem os seguintes versos, que são imitados de uns de seu amigo, o suavissimo Anacreonte do norte, Th. Moore :

Onde um suspiro

De morte, etc.

## AO CANTO SEXTO.

## NOTA A.

Fanatico Luiz, Martim vaidoso... pag. 109.

Os dous célebres valídos delrei D. Sebastião. Na Deduc. Chron. e analy. se pódem ver os males, que ao rei, e reino causárão. Veja tambem o que a este respeito diz o Sr. de Souza, na sua vida de Camões.

## NOTA B.

D. Aleixo estremado entre os mais nobres... pag. 112.

D. Aleixo de Menezes, aio del rei D. Sebastião : é puramente historico quanto delle se diz no poema.

## NOTA C.

Talvez sem o remorso escrupuloso

Do eloquente Augustinho...

*pag.* 113.

Veja as Conf. de S. Augustinho.

---

## AO CANTO SEPTIMO.

## NOTA A.

Que precedido vai por debeis cannas... *pag.* 125.

Os porteiros da canna, que ainda se conservão no acompanhamento real, erão antigamente os unicos batedores dos nossos reis. Sa-Miranda na sua carta a el rei D. João III, faz a este respeito uma comparação dos monarchas portuguezes com os das outras nações, sem exceptuar o papa, que é digna de que todos os soberanos do mundo a lessem.

## NOTA B.

Menestreis tangem...

*pag.* 127.

Nome, que tinhão uo paço os musicos hoje chamados dos archeiros : Dava-se-lhes ainda no tempo de D. João IV.

---

## AO CANTO OITAVO.

## NOTA UNICA.

Raro na Europa ainda, e entõ condigno... *pag.* 144.

Rarissima era 'ainda a porçolana na Europa : é de ver a admiração, que em Roma causou o regalo de louça

da India, que fez o nosso sancto arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres ao papa, quando lhe aconselhava que deixasse as baixellas de ouro, e prata, como improprias de um successor de S. Pedro, e usasse daquella, que nem era tam cara, nem tam fastosa. Veja Fr. Luiz. de Souza. Vid. do Arc.

---

 AO CANTO NONO.

## NOTA A.

O trovador moderno, que descanta... pag. 160.

O nome de trovador não foi privativo dos provençaes, como alguém cuida, por que portuguezes, e castelhanos os houve. Toma-se aqui no sentido genuino da palavra, poeta-guerreiro, com seu tanto de cavalleiro andante; e não no vulgar e vicioso de hoje, improvisador, verzejador : digo vicioso, porque para isso temos nós *trovista*.

## NOTA B.

De Bernardim saudoso, e namorado... pag. 164.

Bernardim Ribeiro, cujo romance da *Menina e môça* é uma alegoria de seus altos amores do paço. Corre por verdadeiro o que aqui se diz a este respeito. A sua morada na serra de Cintra, a sua ida de peregrino aos Alpes, i. e. a Turin, onde se achava a infanta D. Isabel casada com o duque de Saboia, são factos : o resto quem o póde affiançar?

## NOTA C.

Façanha heis feito d'homem, que imitada... pag. 170.

Duarte N. do Lião define *façanha*, acção notavel em cavallaria, que se póde citar como aresto, e caso-julgado do qual se argumenta para outro parecido. D. N. Chron.

NOTAS AO CANTO X.  
AO CANTO DECIMO.

NOTA A.

Junctos morremos... e expirou co'a patria... pag. 190.

E' notavel coincidencia, e que muito lisongeia o meu pequenino amor proprio, que em quanto eu, humilde e desconhecido poeta, rabiscava estes versinhos para descrever os ultimos momentos de Camões, o Sr. Sequeira immortalizava em Paris o seu nome, e o da sua nação com o quadro mágnifico, que este anno passado de 1824 expoz no Louvre, em o qual pintou a mesma scena. Valha-nos ao menos, descahidos, e esquecidos como estamos, que haja ainda Portuguezes como o Sr. Sequeira, que resuscitem, de quando em quando, o adormecido echo de nossa antiga fama.

NOTA B.

E eterna a voz me gelará nos labios. . . pag. 191.

Finalizo com este opusculo a minha curta, e ignorada carreira litteraria; para sempre digo adeus ás boas artes, que nem carecem de mim, nem eu dellas. Tendo chegado, ainda que com pouca saude, a idade de mais juizo, deixo as musas, e os versos, e as litteraturas aos rapazes, para quem ellas são. Eu com os meus vintecinco, — e accrescentados por fadigas, e desgostos, — toco a retirada, e me reduzo ao silencio, que nunca devêra romper, e que unicamente convem aos que, como eu, prezão o viver socegados, sem ambição, desconhecidos, e portanto felizes.

---

---

## ERRATA.

---

|                                          |                    |                  |
|------------------------------------------|--------------------|------------------|
| <i>Pag.</i> 12, <i>lin.</i> 22. — « Rico |                    | <i>leia</i> Rico |
| 13,                                      | 1. Rico            | — « Rico         |
| 14,                                      | 19. Nossss         | Nossos           |
| 35,                                      | 2. Nas             | Não              |
| <i>id.</i> ,                             | 20. Ne ro          | Negro            |
| 37,                                      | 7. houera          | houvera          |
| 39,                                      | 8. em spyras ornão | ornão vazadas    |
| 47,                                      | 20. impia guerra   | impio ferro      |
| 50,                                      | 22. piso.          | piso             |
| 61,                                      | 16. appregao       | appregoão        |
| 70,                                      | 15. mão            | não              |
| 144,                                     | 15. d'ouro alto,   | d'ouro, alto     |

Outros erros menos capitaes, e assim os defeitos e irregularidades de orthographia, pontuacão, e accents, será facil emmendar.

---







